

«Avatar, de Frederico Duarte, tem a coragem de nos apresentar as personagens que nos são tão familiares, sem medo de cair em arquétipos. Uma história que nos remete para grandes epopeias do género, onde convergências entre tempo e espaço têm um papel fundamental.»

— **Nuno Ferreira** —

<https://noticiasdezallar.wordpress.com>

«Frederico Duarte transporta-nos para um mundo paralelo, com muita ação, fantasia e personagens que nos deixam um gosto de curiosidade e empatia pelas suas personalidades! Uma aventura mirabolante do início ao fim!»

— **Marta Ambrósio** —

[@martaambr0si0](#) (Instagram, Youtube)

«Electrizante! Pura adrenalina a um ritmo de cortar a respiração. Envolvente da primeira à última página, culminando num final épico!»

— **Sara (Pipocas)** —

[@livrosdapipoca\\_](#) (Instagram, Facebook, Youtube)

# AVATAR

## DESTINO DO UNIVERSO

Frederico Duarte



**Editorial Divergência**

Novembro de 2025

# FICHA TÉCNICA

**Título:** Avatar

**Subtítulo:** Destino do Universo

**Autor:** Frederico Duarte

**Coordenação editorial:** Alina Dobrovolska,  
Diogo Resende e Pedro Cipriano

**Revisão:** Ana Ai-Ai e Rita Marques

**Artista de capa:** Inês Pedro Borges

**Composição:** Andreia Batista e João Bento

**ISBN:** 978-989-9256-45-3

©2025 Grupo Editorial Divergência

©2025 Frederico Duarte

©2025 Inês Pedro Borges e Andreia Batista

Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor.

## **Grupo Editorial Divergência**

Centro de Negócios de Ansião, Gabinete 8

Parque Empresarial do Camporês

3240-465 Chão de Couce

Portugal

**Website:** <https://divergencia.pt/>

**E-mail:** [geral@divergencia.pt](mailto:geral@divergencia.pt)

**Telefone:** 928 155 850

Esta obra segue o acordo ortográfico de 1945

O Grupo Editorial Divergência e Editorial Divergência são marcas da DNL  
Convergência, Lda.

Este livro foi criado por humanos, para humanos. Nele, não foi utilizada inteligência artificial generativa, e proibimos que o seu conteúdo e arte sejam utilizados para o treino e desenvolvimento de modelos e tecnologias de inteligência artificial.



**Financiado pela  
União Europeia**  
NextGenerationEU

A todos os meus amigos e família.  
A todos aqueles que já partiram, mas que continuarão sempre cá.  
À Álgebra Linear... sem ela nunca teria começado.

# PRÓLOGO

Uma brisa fria acariciou-lhe o corpo e ela abriu os olhos. Algo estava errado. Deveria estar na cama, debaixo de uns lençóis quentes, e não no topo de uma colina.

Chegou-lhe o cheiro de madeira queimada, quase em simultâneo com o som de gritos de desespero. Temendo o que iria encontrar, voltou-se lentamente. E foi então que viu! Diante dela ardia uma aldeia. O cenário era um verdadeiro holocausto: os aldeões corriam em todas as direcções, alguns deles com fogo no próprio corpo. Foi nesse momento que reparou nos corpos, muitos deles negros, consumidos pelas chamas, outros desmembrados, despedaçados. Aquilo não era apenas obra do fogo. Levando a mão à boca para não gritar, observou um homem a cavalo lançar-se sobre um aldeão com toda a velocidade que o animal permitia, brandindo uma gigantesca espada. Assim que o cavaleiro alcançou o pobre homem, desceu a arma na sua direcção com grande fúria e algo saltou. Demorou uns segundos para aperceber-se que era a cabeça do aldeão. Percorreu a aldeia com o olhar. Por todo o lado a cena repetia-se, não poupando sequer mulheres ou crianças.

Um gosto horrível chegou-lhe à boca e não conseguiu reter o vômito.

De repente, vindo da esquerda e de mais perto do que gostaria, ouviu um grito de alerta. Olhou e viu um enorme cavaleiro apontar na sua direcção com a espada. Algo nele o destacava em relação aos outros. Era alto, talvez com dois metros de altura, e vestia uma armadura negra com um símbolo vermelho no peito, que ela não conseguiu identificar, completada por um elmo alado e uma capa da mesma cor. Saltou para cima de um cavalo e partiu na sua direcção.

Sentiu o sangue gelar. Aquilo não podia estar a acontecer. Ela não devia estar ali. Que lugar seria aquele?

— Isto é um sonho, rapariga. Acorda — disse baixinho para si própria.

Mas por mais que se esforçasse, aquele pesadelo continuava: o vento, o cheiro de madeira e carne queimada, os gritos... tudo lhe parecia demasiado real.

— Mexe-te! — ordenou a si própria. Girou sobre os pés e correu tão rápido quanto pôde na direcção oposta à do cavaleiro, que se aproximava cada vez mais rápido.

Sabia que não era mais veloz do que um cavalo, ainda mais com o corpo a tremer de medo. Começou a perder a esperança, ia morrer sozinha num local desconhecido. Foi então que avistou um rio, a não mais de 50 metros. Olhou para trás e verificou que o homem, sempre de espada na mão, estava ainda longe o suficiente. Sorriu ao ver a esperança renovada e lançou-se na direcção do rio.

Mas o pior aconteceu. O pé atingiu uma pedra enorme e, ao perder o equilíbrio, o corpo foi embater violentamente no solo, fazendo-a soltar um grito de dor.

Gemendo, voltou-se e encarou o céu. Enormes nuvens cinzentas misturavam-se com os rolos negros de fumo. O som de cascos a embaterem no solo... O cavaleiro! Tentou levantar-se e continuar a fuga. O rio estava apenas a escassos metros.

Uma dor aguda no pé impediu-a.

*Partido*, pensou. O som do relinchar do cavalo fê-la olhar para trás. O cavaleiro negro estava diante de si, de espada erguida bem acima da cabeça. Estava tão perto que ela pôde observar as suas feições: o curto bigode negro, bem cuidado, os olhos castanhos repletos de maldade, o sorriso sádico.

— Adeus! — disse ele, fazendo descer a espada sobre ela.

Soltando um grito, sentou-se na cama. Sempre era um sonho! Há dois meses que ocorriam, sendo mais frequentes nos últimos dias. Mas este tinha sido o mais real e assustador de todos. A porta do quarto abriu-se e uma mulher apareceu, assustando-a.

— Está tudo bem, Alexandra? Ouvi-te gritar — inquiriu.

— Sim, mãe. Foi só um pesadelo — respondeu, acalmando-se.

— “Só um”? Diz antes “mais um”. — Entrou no quarto e ajoelhou-se ao lado da cama. — Estou a ficar preocupada contigo.

— Não te preocupes... deve ser por causa dos testes... sabes, esta tensão toda... — mentiu, embora nem a mãe acreditasse nisso.

# O AVISO

Quando o despertador tocou, já Alexis estava a tomar banho para retirar o torpor do sono. À medida que os minutos passavam e ela despertava, mais se sentia idiota por se deixar assustar por um pesadelo. Se isto continuasse, teria de consultar um psicólogo.

Enquanto enrolava uma toalha nos longos cabelos ruivos, olhou para o espelho da casa de banho e constatou umas olheiras enormes. Arregalou os olhos verdes e atirou um beijo à imagem, que lho devolveu. Dirigiu-se para o quarto, ocultando a esbelta figura debaixo de uma toalha rosa.

Como o dia prometia ser quente, optou por vestir umas calças de ganga e um *top* branco com um decote bastante generoso. Olhou para o relógio e percebeu que tinha tempo para tomar o pequeno-almoço sem pressa.

Os pais já estavam na cozinha. Chegou-lhe ao nariz o cheiro das torradas que a mãe, Carla, estava a fazer. O pai, Carlos, lia o jornal que tinha ido comprar ao quiosque da esquina uns minutos antes, como já era hábito.

— Bom dia, filha. Queres leite? Ainda está quente.

— Bom dia, mamã. Quero — respondeu, dando-lhe um beijo na face e surripiando uma torrada no processo. — Olá, papá! Passa-me o chocolate, se faz favor.

Sem levantar os olhos do jornal, Carlos fez o que a filha lhe pedia.

— Obrigada — agradeceu Alexis, lendo uma notícia de rodapé na capa do jornal: “Cientista garante vida eterna dentro de um ano”.

— Dormiste depois de eu sair do quarto? — perguntou-lhe a mãe.

— Não.

— Pelo grito que deste, este foi bastante mau — comentou o pai, dobrando o jornal. — Deves ter acordado a vizinhança toda. Nem sei como é que não chamaram a polícia! Parecia que te estavam a matar.

— Nem fazes ideia... — disse ela entre dentes.

— Bem, vou andando. Queres boleia, Alexandra?

— Não, pai, deixa estar.

Carlos despediu-se e saiu. Alexis puxou o jornal e procurou a página da notícia. Ao que parecia, um cientista japonês garantia que dentro de um ano seria capaz de copiar uma mente humana para dentro de um computador, alcançando aquilo que seria uma espécie de vida eterna.

— Depois admiram-se que aconteça alguma daquelas coisas dos filmes... — comentou consigo mesma.

Folheou o jornal mais um pouco. As notícias do costume. Políticas várias, crises de dinheiro. Fome. Miséria. Uma empresa acusada de produzir equipamento militar avançado em segredo. Um dos seus actores favoritos assumiu-se como homossexual. E o horóscopo dizia-lhe que iria aparecer um estranho que mudaria o rumo da sua vida.

Despediu-se da mãe e saiu. Eram oito e meia. O dia já se apresentava quente, sem uma única nuvem no céu que anunciasse uma possível descida de temperatura. Havia muita gente na rua, como era habitual àquela hora em Lisboa, mas houve uma em especial que lhe prendeu a atenção. Encostado à parede, junto à esquina de um prédio, estava um rapaz que a olhava fixamente. Era um pouco mais baixo que ela e tinha cabelo escuro, curto, mas espetado, como se tivesse apanhado um choque. Alexis tinha consciência de que tinha uma figura bastante atraente, mas percebeu que não era essa a razão pela qual a observava. Não sabia explicar porquê, mas parecia que a estudava. Fingiu não reparar e continuou a andar. Passados alguns segundos, o rapaz desencostou-se e seguiu-a. Estava a chegar à paragem do autocarro ao mesmo tempo que este e, com uma corrida curta, alcançou-o. O perseguidor, que não contava com isso, foi demasiado lento e ficou na rua. Alexis ainda o viu dar um pontapé numa pedra, frustrado, antes de o autocarro virar a esquina.

O transporte não vinha muito cheio, por isso havia muitos lugares vagos. Escolheu um junto à porta de saída. A viagem ia demorar uma hora e Alexis decidiu passá-la a lutar contra o sono. Olhou para a rua. Os objectos e as pessoas passavam por ela a grande velocidade. Apesar da sua decisão, o sono não demorou muito tempo a dominá-la.

Abriu os olhos. Já não se encontrava no autocarro. Estava numa sala gigantesca em todas as suas dimensões. Olhou à volta. O tipo de construção e decoração, fê-la lembrar-se de uma sala medieval típica de um castelo. Sentiu-se estranha e, ao olhar para as mãos, não as reconheceu. Eram jovens e femininas, mas, definitivamente, não eram as suas. Era como se estivesse no corpo de outra pessoa.

— Ela está aqui — disse uma voz. — Alexandra?

Voltou-se. Perante ela encontravam-se três pessoas. Ao centro estava uma rapariga de longos cabelos loiros e olhos de um tom azul muito intenso. Usava um vestido branco e simples, tinha uma coroa na cabeça e estava sentada num trono. Ao seu lado direito detia-se um homem alto, de ombros largos e rosto bastante atraente, que envergava uma armadura completa de tom prateado. Do lado oposto, uma mulher que aparentava ter uma idade já avançada fitava-a. A idosa vestia roupas simples, mas via-se que era uma pessoa importante.

— Quem são vocês? — perguntou, mas também a voz lhe soou estranha.

— Precisamos da tua ajuda — respondeu a rapariga, que devia ser pouco mais velha do que Alexis. — Podes ser a nossa última esperança. Milhares já pereceram.

— Do que é que estão a falar? Onde estou? Quem são vocês? O que se está a passar?

— Estamos a perdê-la — disse a mulher mais velha.

— Não! — protestou a rapariga. — Ouve-me! Estás em perigo! Eles já sabem da tua existência.

Mas Alexis já não conseguiu responder. Num ápice, estava de volta ao autocarro. Sentia-se baralhada. *O que fora aquilo?* Tinha sido demasiado real. Fosse o que fosse, tinha terminado na altura certa, pois estava a chegar à sua paragem. Levantou-se ainda aturdida e carregou no botão para parar. Olhou então em volta e gritou. As pessoas no autocarro estavam mortas, muitas delas com a pele acinzentada e já apodrecida. Desta vez ela tinha a certeza de que não era um sonho. Inesperadamente, uma delas levantou a cabeça.

— Ajuda-nos — pediu.

A voz não parecia humana, soando arrastada e lamuriosa. Nesse momento, todos os passageiros começaram a levantar-se e a fitá-la. Lentamente, dirigiram-se para ela de braços estendidos, sempre a pedir-lhe ajuda. A porta abriu-se e Alexis voltou-se para o motorista. O que viu fê-la descontrolar-se: no lugar do condutor, a olhá-la fixamente, estava um homem com um elmo alado na cabeça. Ele sorriu e ela reconheceu

de imediato aquele sorriso sádico. Voltou-se e correu para fora do autocarro, chocando com uma pessoa na paragem, que a agarrou num braço. Alexis deu consigo a olhar para uma criatura igual às que estavam no autocarro. Não era só essa pessoa: toda a gente que estava na paragem – não, na rua – tinha-se transformado. Empurrou a criatura, que caiu no chão, e correu para a estrada, sem tirar os olhos da paragem.

Uma buzina forte e o barulho de um veículo pesado a travar, fizeram-na olhar para a direita. Viu a grelha de um camião a menos de um metro. Seguiu-se uma luz branca, que a deixou cega, ao mesmo tempo que se dava o impacto. Alexis perdeu os sentidos na altura em que foi projectada.

— Por favor! Disseram-me que a minha filha está aqui! Chama-se Alexandra Silva, tem cabelo ruivo e...

— Calma, minha senhora. São familiares? — interrompeu-a a recepcionista, estranhando o facto de os dois serem morenos e terem os olhos castanhos.

— Sou a mãe e este é o pai. Carla e Carlos Silva — explicou ela, exibindo o documento de identidade.

— Jorge! — chamou a recepcionista, dirigindo-se a um auxiliar. — Acompanhem este senhor, ele irá levar-vos ao médico que está a cuidar do caso — disse aos pais de Alexis. De seguida, voltou-se para o auxiliar, que acabava de se juntar a eles. — Leva estes senhores ao Dr. Costa. São os pais da rapariga que foi atropelada.

— OK — respondeu ele. — Venham comigo.

Seguiram os três pelos corredores labirínticos do edifício. O cheiro a éter, característico dos hospitais, pairava no ar, mas a aflição do casal era tal que nem o sentiram. O auxiliar quebrou o silêncio:

— A vossa filha já ficou famosa no hospital.

— Porquê? — perguntou Carla, alarmada.

— Bem, não é todos os dias que alguém é atropelado por um camião, voa uns vinte metros e fica apenas com uns arranhões!

— Como?! — exclamou o casal, em unísono.

— Parece que a vossa filha está bem — sossegou. — Mas o melhor é falarem ali com o doutor.

Após apresentá-los ao médico, o auxiliar retirou-se. Este era um homem de meia-idade, ligeiramente grisalho. Usava uns pequenos óculos de aros redondos e envergava a habitual bata branca com a chapa identificativa e um estetoscópio a espreitar do bolso no meio de duas canetas.

— Devo-vos dizer que a vossa filha tem um bom anjo da guarda. Foi um verdadeiro milagre — disse-lhes o médico, abrindo os braços e exibindo um enorme sorriso.

— Como é que ela está? — indagou Carla, ansiosa.

— A dormir. Está assim desde o acidente, mas não está em coma. Parece apenas... exausta. A vossa filha tem estado com algum problema? Um problema de qualquer tipo?

Os pais olharam um para o outro sem perceber. Ao ver isso, o médico acrescentou:

— Digo isto porque fui informado que ela teve uma reacção estranha. Dizem que começou a gritar no autocarro e saiu a correr com um ar assustado, sem olhar para a estrada. Então?

— Err... bem, sim. De há uns dois meses para cá, ela tem tido noites muito agitadas, muitos pesadelos. Nesta última noite teve um. Acha que poderá estar relacionado?

—É possível. — Um homem aproximou-se deles e o Dr. Costa olhou para ele e sorriu-lhe. — Sr. Filipe! Ainda aqui anda? Estes são os pais da Alexandra. — Voltou-se para eles. — Este senhor ia no mesmo autocarro. O motorista do camião teve de ir com a polícia para prestar declarações do acidente, mas o Sr. Filipe tem estado aqui desde que ela chegou.

O homem, um senhor calvo com cerca de cinquenta anos, hesitou um bocado, mas após cumprimentar ambos, contou-lhes o que tinha visto:

— Eu próprio ainda não entendi muito bem o que se passou — confessou. — Só me lembro de a ouvir gritar e vê-la sair a correr. Levantei-me para observar melhor e vi-a empurrar uma senhora na paragem e a seguir a atravessar a rua sem olhar. Ainda gritei, mas não valeu de nada. O homem bem tentou travar, isso vi eu, mas foi tarde e apanhou-a em cheio. O mais esquisito foi que, na altura do choque, apareceu um *flash* tão forte que quem estava a olhar, ficou sem ver nada. Quando consegui voltar a ver, ela já estava no chão. Espero que não se importem que eu a tenha acompanhado, mas não havia ninguém conhecido dela.

— Claro que não! Agradecemos-lhe muito, até. É bom saber que ainda há pessoas prestáveis — disse Carla.

— Sim... mas desculpe-me. O senhor falou de um *flash*... Alguém tirou uma fotografia ou algo assim? — continuou Carlos.

— Não, não! A luz veio dela. Digo-vos mesmo: aquilo foi com toda a certeza a intervenção de Deus, que a protegeu! Bem, agora que os senhores aqui estão, fico mais descansado. Vou andando, mas gostava

que ficassem com o meu contacto e me dissessem algo depois, se não se importarem.

— Com certeza. Fique com o nosso também.

Assim que o homem saiu, olharam um para o outro e depois para o médico, que continuava a sorrir.

— Garanto-lhes que a polícia está a investigar, mas devem estar tão confusos quanto os senhores, eu, o Sr. Filipe e todas as pessoas que estavam presentes.

— Pois... — disse Carlos, que não encontrava mais palavras.

— Podemos vê-la? — perguntou Carla.

— Claro. Aliás, já lá está um amigo dela, que chegou há uns quinze minutos, mas não há problema.

Os olhares dos pais cruzaram-se uma vez mais e ambos seguiram o médico. Tudo isto lhes parecia irreal. A filha a agir como uma louca e a ser atropelada. E isto tudo sem sofrer nada de grave, graças, segundo a testemunha, à intervenção de Deus e àquela luz divina. Tudo muito estranho mesmo.

Ao abrirem a porta do quarto, deram de caras com um rapaz que os olhou surpreendido. Não o reconheceram, mas também não conheciam todos os amigos da filha. O rapaz foi o primeiro a falar:

— Parece que ela já tem companhia — disse, sorrindo. — Nesse caso, vou-me retirar.

Ambos retribuíram o sorriso.

— Obrigada por lhe teres feito companhia. Vocês devem ser muito amigos — disse Carla.

— Err... Nem por isso... Mas espero que venhamos a ser.

— Bem, rapaz, não te preocupes. Quando ela souber que estivesse aqui, ficam de certeza — afirmou Carlos, convicto de que seria uma paixoneta secreta. — Qual é o teu nome mesmo?

— Todos me conhecem por Fred.

— OK, Fred. Quando ela estiver boa, digo-lhe para te ligar. Parece que isso já não vai demorar muito — acrescentou, quando o rapaz estava a sair.

— Ah! Disso nunca duvidei. Não era este acidentezinho que iria colocar *Lady* Alexandra em perigo — respondeu o rapaz, antes de se despedir com um aceno de cabeça.

Os olhares dos pais cruzaram-se mais uma vez. Aquele rapaz não fugia à regra do dia.

— *Lady!*? — exclamaram.

Aproximaram-se da cama onde a filha dormia como se nada tivesse acontecido. O médico garantira-lhes que não se tratava de um coma, mas sim de um sono profundo do qual iria acordar a qualquer momento. Isso não os aliviava nada. No entanto, passados cerca de 20 minutos, ouviram-na murmurar algo e, segundos depois, abriu os olhos.

— Mãe? Pai! Onde estou? O que aconteceu? — perguntou, olhando em redor.

A mãe agarrou-se a ela, com lágrimas nos olhos. O pai, também ele comovido, respondeu-lhe:

— Estás no hospital, filha. Foste atropelada por um camião, mas parece que não sofreste nada. Não te lembras do acidente?

— Lembro-me de qualquer coisa... mas foi tudo muito rápido.

— Querida... o que se passou? Disseram-nos que saíste do autocarro a gritar e atravassaste sem olhar. Graças a Deus está tudo bem contigo — disse a mãe.

— Eu... — começou ela a dizer, mas calou-se quando a porta do quarto se abriu e entrou o Dr. Costa, que sorriu ao vê-la desperta.

— Vejam quem acordou! A rapariga mais sortuda que eu conheço.

Ela sorriu, mas a primeira coisa que fez foi perguntar se já poderia ir embora.

— Quase, quase — respondeu o médico. — Preciso só de ver o resultado dos últimos exames, mas estás pronta numa hora. Vou querer ver-te mais tarde, depois da consulta com o psicólogo.

De facto, passados uns cinquenta minutos estava a vestir-se para se ir embora para casa. Já no carro, o pai lembrou-se do rapaz que estava no quarto e relatou-lhe o encontro.

— Fred? Não me lembro de nenhum... muito menos de um que me chame *Lady*. Como é que ele era?

— Altura média, olhos castanhos, hum... Ah, sim, tinha cabelo escuro, curto, que estava todo espetado. Parecia que tinha apanhado um choque — comentou o pai, rindo.

Sem que os pais reparassem, empalideceu. Seria o mesmo rapaz que a seguira de manhã? Quem seria ele? Que queria dela? Até sabia o seu nome!

Nessa noite deitou-se cedo. As coisas que se tinham passado nesse dia ainda lhe ocupavam os pensamentos. Sonhos estranhos eram compreensíveis, mas aquela alucinação... E o tal Fred... Onde é que ele se encaixava no meio daquilo tudo? Seria coincidência ou estaria mesmo relacionado com o que se passava?

# UM SONHO TORNADO REALIDADE

A planície estendia-se por vários quilómetros para onde quer que se olhasse. A sul, bem ao longe, ficava uma cadeia de montanhas e a norte um rio, uma enorme colina e mais montanhas atrás desta. O chão estava coberto por ervas secas e amareladas. Ao lado de Alexis estava Fred, deitado no chão, mas com um ar aliviado.

— Eles não nos podem seguir? — perguntou ela.

— Não — respondeu Fred, sem se mexer. — Só se soubessem onde estamos, o que não é o caso.

Ela olhou-o, confusa. Ao reparar nisso ele continuou:

— O feitiço abre um portal para o local que a pessoa que o lança estiver a pensar. Se a pessoa não conhecer o local pessoalmente não funciona.

— Estou a ver... Como eles não conhecem este sítio, não há problema.

— A questão nem é essa. Mesmo que o conheçam, só eu sabia onde o portal ia dar.

— Pois... ainda bem.

— Temos de continuar a andar — constatou Fred. — A norte, depois daquele rio há uma aldeia, Gremorin. Podemos descansar lá ainda hoje. Depois partimos para a cidade de Águilar, que estou a contar alcançarmos amanhã até ao fim do dia. Vamos a pé para não chamarmos atenções indesejadas.

Levantou-se e começou a andar.

— Onde estamos? Quer dizer... este “outro mundo” tem nome? — perguntou Alexis, sem se mexer.

— Sim, Nova. Os primeiros humanos chamaram-lhe Terra Nova, mas com o tempo ficou apenas Nova. Vens? Podemos falar e andar. Até se faz melhor a viagem — sorriu. Alexis apressou-se a alcançá-lo.

— Primeiros humanos? O que queres dizer com isso?

— Há cerca de cinco mil anos, apareceram os primeiros humanos neste mundo. Ao que parece, originários da Terra. Não se sabe ao certo como foi que os dois mundos entraram em contacto, mas suspeita-se que algum feiticeiro poderoso da Terra terá conseguido fazer o primeiro portal para Nova. No teu mundo, o feitiço deve ter-se espalhado, visto que povos de vários pontos do planeta começaram a aparecer em Nova. Aqui, a humanidade alcançou rapidamente um estatuto importante entre as outras espécies inteligentes. Na Terra, a magia foi erradicada e o feitiço perdeu-se, provavelmente destruído. Mas aqui é diferente, tudo depende da magia. O contacto entre os dois mundos, no entanto, não se perdeu. Por alguma razão, alguns portais surgem espontaneamente e criaturas de Nova passam para a Terra e vice-versa. Infelizmente, ninguém consegue prever onde esses portais vão aparecer, nem quando vão aparecer.

*Será que ninguém na Terra sabe disto?*, pensou Alexis, incrédula.

— Pelo que observei nesta missão, os humanos não evoluíram do mesmo modo no teu mundo e no meu — continuou ele. — Porquê? Não sei. Talvez porque a magia é um factor de peso aqui. Ou talvez porque no teu mundo são a única espécie dominante. Acho que é por isso que a Terra se encontra num estado caótico. Em Nova é necessário existir um equilíbrio entre os vários elementos mágicos. E esse equilíbrio está a ser ameaçado, ou os Deuses Elementares não interviriam.

— Equilíbrio... — murmurou ela. — E onde é que eu entro no meio disso tudo?

— Desculpa, mas a isso não sei responder. Segundo percebi, tens um grande potencial mágico. Mas é tudo o que sei, não houve tempo para pormenores quando me enviaram. Quando chegarmos, tudo será esclarecido.

— Boa... — murmurou novamente Alexis, ficando pensativa.

Aquilo era tudo tão irreal... Custava-lhe a absorver tudo o que Fred dizia. Até há umas horas atrás tinha sido uma rapariga normal, com uma vida normal. Agora... Um rapaz, que diz controlar o ar, aparece, diz-lhe que ela tem “um enorme potencial mágico” e, quando menos espera, vai parar a um mundo estranho para fugir a dois monstros, vindos sabe-se lá de que pesadelo. Ou saber-se-ia?

— Quem enviou aqueles monstros? — inquiriu subitamente.

— Pensei que não ias perguntar — disse Fred, sorrindo. — A resposta está na origem do desequilíbrio de que te falei: Adina, uma mestre necromante. As hordas de demónios, não-mortos e outras criaturas corrompidas pela sua magia estão a ganhar terreno a cada dia que passa. O objectivo dela é o de quase todos os que têm poder: ter ainda mais poder. E sem fugir à regra, para o alcançar, esmaga todos os que se lhe opõem. O grande problema é impor a magia Negra acima de todas as outras, causando assim o desequilíbrio.

— Ela... ela mata todos os que se lhe opõem?

— Não. Dá-lhes a escolher entre servi-la ou morrerem. Na realidade, acabam sempre por servi-la, a diferença está entre fazê-lo enquanto vivos ou enquanto mortos.

— Isso é... horrível! Como consegue ela fazer isso? Magia?

— Como te disse, ela é necromante. Esta casta lida com magia Negra, o tipo de magia relacionada com a morte.

— E é isso que tu dizes que eu tenho?

— Mais ou menos. Tu tens potencial para a magia. Agora depende de como o canalizas.

Estavam a caminhar há horas. Alexis calculou que fosse perto do meio-dia pois começava a sentir fome, mas resolveu não dizer nada. Em vez disso, pediu a Fred que continuasse a explicar-lhe como funcionava a magia, já que lhe parecia que em breve iria estar bastante envolvida com ela.

— Existem vários tipos de magia: Negra, Branca, Espiritual e Elementar que, por sua vez, se divide em Ar, Fogo, Terra e Água. Acho que estas dispensam apresentação, os nomes dizem tudo. — Fred olhou para Alexis, que confirmou o que ele disse, e continuou. — A magia Negra e a magia Branca são diferentes. Como já te disse, a primeira lida com a morte. A segunda, como deves imaginar, lida com a vida. Por essa razão, a primeira é associada ao “mal” e a segunda ao “bem”. Eu não concordo muito com isso... Para além de que “bem” e “mal” são uma questão de perspectiva, também depende muito da pessoa que está a utilizar a magia.

Alexis olhou para Fred, espantada com esta última afirmação. Apesar de concordar com a questão da perspectiva, não percebia como era possível relacionar a morte com o “bem”. Resolveu não comentar.

— Por fim, a Espiritual — continuou ele. — Esta lida essencialmente com questões de mente e espírito, como leitura e controlo de mentes e projecções fora do corpo.

As últimas palavras de Fred ficaram-lhe presas no pensamento.

*Será que foi isso que aconteceu nos meus sonhos? Será que saí do meu próprio corpo e viajei até este mundo?*

Já Selénia, a estrela que ilumina Nova e à qual Alexis chamava erroneamente Sol, se estava a pôr, quando alcançaram o rio. Apesar de muito cansada, Alexis sentia-se agora alerta. Havia algo de estranho. Olhou à volta para tentar perceber o que era. Fred comentou, após observar o horizonte, que deveriam ter duas horas de luz. Ao ver o ar preocupado de Alexis, perguntou-lhe o que se passava.

— Há algo de estranho neste rio. Não sei o que é... notas algo?

— Realmente reparei... devia existir uma ponte aqui, mas não a encontro. É possível que tenha caído, mas isso não me surpreende. Lembro-me bem do estado em que se encontrava.

— Como vamos passar? É possível atravessar o rio a pé?

— É demasiado fundo e a corrente era capaz de nos arrastar se tentássemos atravessar a nado. — Olhou para Alexis e sorriu.

Ela fitava o rio, sentindo uma súbita brisa fresca a envolvê-la. Após um dia inteiro a andar com aquele calor, soube-lhe bem. Sentiu uma pressão nas costas e, antes que pudesse falar, começou a flutuar. Olhou para Fred, que continuava a sorrir. Esquecera-se por completo dessa habilidade que o rapaz possuía. O seu corpo, cansado da caminhada, agradecia aquela estranha sensação de leveza.

— Pareceu-me a única solução... — desculpou-se ele.

— Não vejo razão para não o termos feito antes. Falaste em não chamar a atenção, mas eu também não vi ninguém.

— As aparências enganam e muito. A magia pode ser sentida e, tendo em conta quem nos persegue, temos de ter muito cuidado pois ela tem várias maneiras de nos observar.

— A tal A... hum... qual era mesmo o nome?

— Adina. Sim, ela mesmo. Assim que soube da nossa fuga, deve ter enviado batedores para vários locais para nos encontrar. E nem todos são humanos. O óbvio seria levar-te directamente para Aurora, a capital do reino da Rainha Luana, mas a cidade de Águilar foi indicada como ponto de encontro. A ideia é que eles percamos o teu rasto, pelo menos temporariamente.

Chegaram à outra margem do rio. Fred explicou que a única coisa que os separava de Gremorin era a colina à frente deles. Em minutos estariam lá. Alexis olhou uma última vez para o rio. Ele parecia-lhe mesmo familiar. Voltou-se para continuar a viagem, mas estacou e soltou um grito. Fred correu até ela e ao seguir-lhe o olhar ficou também

ele de boca aberta. Uma cabeça humana, carcomida pelos animais, estava no chão. Mais à frente jazia o resto do corpo. Apesar do mau estado, puderam concluir que se tratava de uma jovem rapariga. Subitamente, Alexis reconheceu o cenário.

— Eu... eu... — Olhou para Fred, horrorizada. — Eu sonhei com isto! Meu Deus! Fred, toda a aldeia foi destruída nesse sonho!

Fred arregalou os olhos e, antes de ela conseguir dizer algo mais, virou costas e correu colina acima, em direcção à aldeia.

Do topo da colina, Alexis observava o que restava da aldeia. Algumas estruturas ainda estavam parcialmente de pé, embora enegrecidas pela acção do fogo, mas a maior parte não era mais que um monte de cinzas. Havia corpos carbonizados e esquartejados por todo o lado, tendo os últimos servido de alimento para os animais. Devagar, desceu a colina, aproximando-se do local da chacina. Pairava no ar um cheiro a morte, que a agoniou. Procurou Fred, em vão. As nuvens negras recentemente formadas tapavam a luz das duas luas, escurecendo tudo à sua volta. Um relâmpago sobressaltou-a. Uma tempestade enorme parecia prestes a eclodir. Os relâmpagos começavam a suceder-se com maior frequência, oferecendo-lhe alguma luz, ainda que por pouco tempo.

Pelo que era possível observar, os aldeões eram pacíficos agricultores, pois as únicas armas de que dispunham eram utensílios para trabalhar a terra. Um relâmpago maior do que os anteriores iluminou toda a aldeia e Alexis viu Fred junto a uma fonte. Tinha uma base circular com cerca de dois metros de diâmetro e um pilar no centro que se erguia até perto de três metros de altura, no topo do qual existira um pégaso, um cavalo alado, que se encontrava semidestruído junto a Fred. Este encontrava-se ajoelhado, com os braços caídos e o olhar voltado para o céu sem, no entanto, ver fosse o que fosse.

— Fred? — chamou ela, não obtendo resposta.

Aproximou-se lentamente. A água da fonte estava vermelha de sangue. Ajoelhou-se atrás dele e abraçou-o. Nesse instante, o céu começou a chorar, confundindo as suas lágrimas com as dos dois aventureiros.

*Esta aldeia devia ter algum significado especial para ele, pensou Alexis, sentindo de certa forma a dor do companheiro.*

— Nasci aqui, sabes? — respondeu Fred, como se lhe tivesse lido os pensamentos. Ela manteve-se silenciosa, mas apertou o abraço. — Não tinha família... mas conhecia-os quase todos... alguns eram meus amigos...

— Que vamos fazer agora?

— Continuamos. Tenho de terminar esta missão e deixar-te em segurança — respondeu, voltando-se para ela. — Disseste que sonhaste com isto? Podes contar-me o teu sonho?

— Sim. Eu... eu estava no topo daquela colina. Vi tudo a arder e homens a cavalo a matar todas as pessoas. Depois fui perseguida por um deles. Usava uma armadura negra com um símbolo vermelho no peito. Acho que era o chefe. De certa forma, embora não saiba como, eu era a rapariga que vimos junto ao rio, pois ele apanhou-me quando eu estava quase a lá chegar.

— Como era esse cavaleiro? — perguntou Fredisson, subitamente.

Alexis fitou-o. Os olhos dele já não demonstravam tristeza, mas sim raiva.

— Alto. Mais alto que eu, acho. Usava um capacete com umas asinhas iguais às dos morcegos, por isso não lhe pude ver muito bem a cara. Lembro-me que tinha bigode e olhos castanhos. Eu...

Um raio caiu atrás de si, provavelmente no rio, fazendo-a dar um salto e olhar para trás. Quando se voltou, Fred estava de pé.

— Tanaka... — murmurou. De seguida gritou, olhando para o céu: — *Lord* Tanaka! Esta guerra é agora a minha guerra! Vais arrependerte do mal que tens feito, principalmente da morte destes inocentes... — Deixou cair a cabeça para a frente e continuou, agora em voz baixa. — Sim... ele vai pagar... ele e a cabra que ele serve...

Alexis levantou-se e colocou-lhe uma mão no ombro.

— Não sei como o fazer, mas juro-te... Juro-te que farei tudo o que estiver ao meu alcance para te ajudar.

Fred sorriu.

— Vou procurar alguma coisa para nos taparmos durante a noite. Amanhã de manhã partimos. — Olhou para o céu. — Desculpa ter-me descontrolado.

Com um pensamento, acabou com a chuva. Em pouco tempo, o céu estava limpo, como se não tivesse ocorrido tempestade alguma. Passados mais alguns minutos, Fred voltou com umas mantas que encontrara em estado razoável e dirigiram-se para o rio, onde acamparam junto à margem. Enrolada numa manta, Alexis despiu a roupa encharcada e deitou-se. Fez-se sentir um vento quente.

— Aumentei a temperatura do ar — explicou Fred. Depois voltou-se para Alexis, com um ar malicioso. — Vamos ter uma noite... quente...

— Vai sonhando! — disse ela, percebendo o duplo sentido das palavras dele. Riram-se. Ficava contente por vê-lo tentar ultrapassar aquela situação imediatamente.

Voltou-se de barriga para cima, a contemplar as estrelas. Apesar das emoções das últimas horas, o cansaço dominou-a e adormeceu segundos depois. Ao seu lado, Fred imitou-a.

— Alexis! Acorda, Alexis!

Alexis sentou-se, segurando a manta. A luz de Selénia tocou-lhe nas costas nuas, aquecendo-as. Ainda meio entorpecida pelo sono, olhou para Fred.

— Temos uns quinze minutos antes que cheguem aqui.

— Quem? — perguntou, olhando à volta enquanto bocejava. Ao longe, seguindo a margem do rio do lado em que se encontravam, viu dois vultos.

— Batedores. Acho que o meu descontrolo ontem à noite chamou a atenção de alguém — respondeu ele, com ar culpado. — Veste-te rápido.

— Pelo menos está seca — comentou Alexis, tateando a roupa.

— Infelizmente, sim... Ficavas bem com ela molhada — observou Fred, exibindo um sorriso maroto.

Ela suspirou. Nem numa situação de perigo ele deixava de se comportar assim.

— Estou pronta — anunciou quando acabou de se vestir.

Fred assentiu e ergueu os braços no ar. Elevaram-se em direcção ao céu, afastando-se das criaturas que se aproximavam. Era possível distingui-las: dois enormes lobos, um mais pequeno, de pêlo castanho-escuro, e outro maior, que o precedia, de pêlo cinzento. Ambos pararam ao verem os alvos ficarem fora do alcance. Um guincho fez Alexis desviar o olhar dos lobos para o lado, apenas para ver Fred ser atingido na perna esquerda pelo bico de um pássaro enorme. A criatura parecia ser uma águia gigante, mas as penas e o bico negros lembravam-lhe mais um corvo. Fred soltou um grito de dor e perdeu a concentração. No mesmo instante, começaram a cair e, apesar de recuperar o controlo, o aprendiz do Ar não conseguiu evitar a colisão com o solo. Um forte vento ascendente evitou a possível morte de ambos, apesar de não impedir que se magoassem.

Alexis sentou-se e esfregou o braço sobre o qual caíra. A poucos metros dela, Fred já se encontrava de pé e a enfrentar o lobo castanho e o pássaro.

# BATALHAR EM ÁGUILAR

Após terem entrado na cidade, a escolta guiou Alexis e Fred através das ruas. Não puderam deixar de reparar que muitos dos edifícios estavam danificados, como se uma violentíssima batalha se tivesse travado dentro das muralhas. As pessoas observavam-nos, desconfiadas. Reinava a tensão e a ansiedade. Como se lhes lesse o pensamento, o capitão contou-lhes o que se havia passado.

— De há uns quinze dias para cá temos sido atacados com frequência. No último ataque, há dois dias, conseguiram entrar, causando o que vêem. O governador e metade da população pereceram, assim como grande parte das nossas forças militares. Os homens que viram nas ameias são quase tudo o que resta. Tivemos de requisitar ajuda civil, embora quase não fosse preciso, pois muitos se voluntariaram. Actualmente, é o General Fanir quem segura as rédeas da cidade.

— Mas como é que aconteceu tudo? Antes de partir, esta zona não estava ameaçada. As forças de Adina estavam bem longe — disse Fred.

— Pois... era o que se julgava... os ataques foram rápidos e brutais. As aldeias a oeste foram todas dizimadas antes que pudéssemos fazer algo.

— Nós estivemos no que restou de Gremorin... — Fred ficou pensativo, mas continuou pouco depois. — Pediram reforços, certo?

— Óbvio. Eles vêm a caminho, mas só devem chegar amanhã. Alto! — gritou, fazendo com que todos parassem. Estavam na praça central da cidade. — Chegámos, mestre.

Assim que percebera quem Fred era, o capitão decidira guiá-los até à residência oficial do governador da cidade. Uma vez dentro da casa, foram conduzidos por uma criada pequena e roliça até uma sala onde lhes trataram dos ferimentos. Alexis apenas tinha algumas nódoas ne-

gras e arranhões, mas Fred teve de levar pontos na perna e no braço, depois de lhe terem aplicado uma pomada anestésica nas zonas traumatizadas. A rapariga não pôde deixar de se sentir surpreendida pois, apesar do ambiente medieval, as técnicas medicinais eram mais avançadas do que esperara, olhando apenas para os primeiros socorros. Ainda assim acreditava que a tecnologia do seu mundo deveria tornar a medicina deste bastante primitiva.

Depois disto, foram conduzidos pela criada até outra sala. Ambos repararam no olhar triste da rapariga, que concluíram ser por causa dos acontecimentos dos últimos dias. A sala era o local onde iriam jantar, a julgar pela mesa onde cabiam doze pessoas, mas que apenas estava posta para cinco. Fred aproveitou quando ficaram sozinhos para fazer o que prometera a Alexis. Ao ouvi-lo dizer as palavras do feitiço, esta encolheu-se instintivamente.

— Nas próximas horas, vais entender tudo o que um humano disser e vice-versa. E podes abrir os olhos, o feitiço é indolor — acrescentou, rindo.

Ela riu também. No entanto, havia sentido algo quando o feitiço actuou. Uma sensação estranha, mas confortável. Fred aproveitou para a pôr a par da conversa com o capitão. Passado pouco tempo, entrou uma senhora na sala por uma das duas portas laterais, acompanhada por um rapaz e uma rapariga. A mulher e a rapariga tinham um ar abatido e triste, mas o rapaz lançou-lhes um olhar enraivecido, o que fez Alexis sentir-se desconfortável.

— O meu nome é Livia, sou a mulher do governador. Estes são os meus filhos, Siona e Larn.

Fred e Alexis apresentaram-se ambos e trocaram cumprimentos com os anfitriões. De seguida, Livia indicou-lhes os lugares na mesa e mandou um criado trazer o jantar. Alexis observou aquela família. Mãe e filha eram idênticas: cabelo castanho, longo e liso, olhos azuis e a mesma covinha no queixo. Ambas tinham um ar desgastado, abatido, o que realçava as poucas rugas da mãe. O rapaz, que deveria ter pouco mais de dezoito anos, tinha o cabelo loiro, curto e ondulado, e olhos azuis, que continuavam a posar cheios de raiva sobre os dois visitantes. A refeição chegou e instalou-se o silêncio, o que acentuou o desconforto. Alexis só agora reparava na fome que tinha e decidiu começar a comer quando Fred arriscou interromper o silêncio.

— O capitão que nos escoltou contou-nos o que aconteceu. Lamento pelo seu marido. Eu nasci na aldeia perto daqui, Gremorin... acredite que compreendo a vossa dor.

A mulher assentiu.

— A esperança começa a faltar-nos. Há dois dias que não nos atacam, mas temo que se o fizerem de novo não consigamos resistir.

— Não precisa preocupar-se mais, os reforços chegam amanhã. Amanhã... — Fez uma pausa. — Há quanto tempo foi pedida ajuda?

— Segundo o General Fanir, há cinco dias. Mas quando o pedido chegou, já as tropas haviam sido enviadas. — O olhar da mulher ensombrou-se. — Saberiam que seríamos um alvo em breve?

Alexis olhou, nervosa, para Fred. Este estava imerso nos seus pensamentos. Tal como ela, assumia que seriam a causa do ataque. Teria mesmo o poder que todos acreditavam que tinha? Se sim, esse poder mostrava ser uma maldição. Por sua causa, inocentes estavam a morrer. Baixou o olhar para o prato, incapaz de encarar aquela família. Um sentimento de culpa invadiu-a e as lágrimas ameaçaram aparecer.

— Talvez... — admitiu Fred. — Como, não sei. É possível que tenham descoberto para onde nos dirigíamos.

Alexis engoliu em seco. Aquilo era o que temia ouvir. A culpa era verdadeiramente dela. Contudo, as palavras de Fred também tiveram efeito em Larn que, com um brilho de fúria no olhar, se levantou e bateu com os punhos na mesa.

— Basta! — gritou, perante o olhar estupefacto de todos. — Não quero ouvir mais nada! O meu pai e os meus amigos estão mortos. Mortos! E tudo porque vocês... — Apontou para Alexis e Fred. — Vocês resolveram fugir para aqui, um local que não estava ameaçado. Pelos Deuses, este era um dos poucos sítios seguros! Um dos poucos onde reinava a paz...

Alexis estava muda, com uma lágrima a deslizar pela cara. Fred fixara os olhos no prato. Mantinha os dentes cerrados, com uma expressão de revolta contida no rosto. Livia olhava para o filho e para os visitantes, embaraçada, enquanto Siona se mexia na cadeira, como se não encontrasse uma posição confortável. De repente, Fred levantou-se e também ele deu um murro na mesa, fazendo a louça tilintar pela segunda vez naquele jantar.

— Idiota! — gritou ele — Ninguém está seguro! Em vez de dizes palermices e de nos acusares de coisas de que nem tens a certeza, agradece aos Deuses por estares vivo e poderes fazer algo de útil.

Estavam fixados um no outro e todos os presentes tiveram a certeza de que se o olhar matasse ambos teriam caído fulminados. Larn murmurou qualquer coisa incompreensível e saiu por uma das portas. Fred deixou-se cair na cadeira novamente e olhou para o colo, envergonhado.

— Eu... peço desculpa... pelo meu comportamento — disse.

— Eu também, pelo meu filho. Ele... todos nós estamos a atravessar uma fase difícil.

— Nós somos convidados, tenho o dever de ser um pouco mais educado. Além disso... — Percorreu os presentes com o olhar, fixando Alexis por último. Olhou novamente para o prato. — Além disso, ele deve ter razão — disse por fim.

Decorreram alguns minutos de silêncio pesado. Alexis pediu licença e solicitou que lhe indicassem o quarto. Fred seguiu-lhe o exemplo e foi também deitar-se. Assim que se viu sozinha, Alexis deixou as lágrimas saírem e foi nesse estado que acabou por adormecer, exausta. No quarto ao lado, Fred relembrava os últimos dias. Ainda tinham um longo caminho a percorrer e já haviam enfrentado demasiados perigos. Isto para não mencionar os erros cometidos que, a seu ver, já eram demasiados. Definitivamente, as coisas não estavam a correr da melhor forma, mas pelo menos estavam vivos. Imerso nestes pensamentos, também ele acabou por se render ao sono.

Alexis acordou com o corpo dorido. Tinha dormido muito tempo e agora ressentia-se.

*Um banho ia saber bem...*, pensou, enquanto sentia um gosto amargo na boca devido à falta de higiene dos últimos dias e ao facto de ter o estômago vazio.

No corredor, encontrou a criada da véspera, sempre simpática, que se ofereceu para lhe preparar um banho. Alexis aceitou prontamente, grata pelo feitiço de Fred ainda funcionar. Esperou no quarto até a repariga a vir avisar que estava pronto.

A casa de banho foi uma surpresa. Primeiro reparou que dispunham de um sistema de esgotos, algo com que não contara naquele ambiente medieval. Depois, encontrou uma escova para o cabelo e outra para os dentes. Ambas eram feitas de madeira envernizada, com a primeira cheia de pequenos ferrinhos com uma protecção na ponta para não magoar o couro cabeludo. Interrogou-se quanto à origem dos pêlos da escova de dentes, mas acabou por não lhe dar grande importância. Ao lado delas, estava ainda uma caixa com uma mistela branca. Agarrou na pasta dentífrica e aproximou-a do nariz, sentindo o cheiro a menta.

— Espantoso! — exclamou, sorrindo.

Escovou os dentes, despiu-se e entrou na banheira, deixando-se escorregar na água morna até ficar só com a cabeça de fora. Passados uns minutos, a criada entrou para lhe entregar uma toalha e roupa limpa.

— A minha senhora pediu-me que vos desse roupas novas e que, se a senhora não se importar, deitasse as velhas fora.

*Porque não?, pensou Alexis, a roupa ficou mesmo estragada depois da luta contra o lobisomem...*

Sorriu e disse que o podia fazer. A criada pousou a toalha e a roupa nova no tampo de uma bancada e, fazendo uma careta ao pegar na roupa imunda, saiu novamente. Deixou-se ficar na água a relaxar. Aquilo era estranho. Aquele mundo aparentava estar na Idade Média da Terra, mas dispunha de condições superiores às que existiriam nessa altura, mesmo que apenas em casa de pessoas com posses. Já para não falar da maneira como a tratavam, fazendo-a sentir-se uma princesa. A água estava a ficar fria e Alexis resolveu lavar-se, usando um sabonete e um creme de um frasco, que ela julgou, e bem, ser para o cabelo.

Saiu da banheira e secou-se enquanto apreciava a roupa nova: para além das peças de roupa interior brancas, tinha uma camisa simples de manga curta, também ela branca, uma saia e sandálias azuis. Simples, mas elegante. Quando saiu da casa de banho, procurou a criada, que lhe indicou que poderia tomar o pequeno-almoço na mesma sala onde jantara. A criada informou-a ainda que já haviam saído todos. No entanto, quando estava a saborear uma fatia de torta de maçã, entrou Fred. Trajava uma camisa branca, por cima da qual tinha um colete azul-escuro, a mesma cor das calças.

— Bom dia. Pensei que não acordavas hoje — comentou, recebendo um sorriso como resposta. — Despacha-te para irmos dar uma volta.

Alexis terminou rapidamente e saíram. Fred pôde então observá-la melhor e não resistiu a fazer um comentário.

— Desculpa que te diga, mas estás... apetitosa, vá — Alexis revirou os olhos, apesar de sorrir. — Pronto, estás linda.

Foram até ao mercado. Apesar dos acontecimentos dos últimos dias, a cidade parecia não querer ceder ao desânimo. Havia movimento e as pessoas tinham um ar menos tenso do que no dia anterior. Triste, mas menos tenso. Vendo Alexis a observar umas bolsas, Fred levou-a até lá.

— Escolhe uma, vá. Não te preocupes que eu tenho dinheiro que chegue.

— Obrigada, mas deixa estar. Eu...

— Se fazes cerimónias comigo, aviso-te que te dou um choque nesse lindo traseiro e o deixo dormente durante dois dias.

Ela riu-se da ameaça e acabou por escolher uma bolsa azul escura e uma fita branca com a qual prendeu o cabelo. Continuaram a passear e, pouco depois, saíram do mercado.

— Obrigada — disse ela.

— Porquê? Por causa da bolsa? Eu já te disse que...

— Por me teres salvo. Nunca te cheguei a agradecer como deve ser — interrompeu ela. Virou-se e, antes que ele dissesse algo, beijou-o nos lábios, afastando-se, divertida, para ver o seu ar atrapalhado. O coração de Fred batia tão rápido que parecia prestes a saltar-lhe do peito.

— Eu... eu não... mas...

— Vá, não tires conclusões precipitadas. Foi só um agradecimento especial por me teres salvo três vezes.

— Pois... pelos vistos tenho de o fazer mais — retorquiu, parecendo recuperar o controlo. — Mas três? Foram só duas. Do lobisomem safaste-te sozinha. Não é que esteja a reclamar da recompensa. Até podes recompensar mais se quiseres e...

— Não abuses da sorte. E foram três. O atropelamento, os assaltantes e os... caçadores?

— O atropelamento? Isso foste tu também. — Vendo o ar espantado dela, continuou. — Sim... com magia — concluiu, piscando-lhe o olho.

Alexis ficou pensativa. Talvez fosse verdade. Não que ela pudesse duvidar, principalmente depois do confronto com o lobisomem. Determinada, olhou Fred nos olhos.

— Ensina-me mais sobre magia. Podes fazê-lo, não podes?

Ele não pôde deixar de esboçar um sorriso.

— Porque não? Vamos a isso.

A primeira lição de magia começou após o almoço, no qual, para além dela e de Fred, apenas estiveram presentes Siona e Livia, mais animadas e bem-dispostas do que no dia anterior. Finda a refeição, dirigiram-se para o pátio traseiro da mansão, onde encontraram Larn a treinar a perícia com a espada. Este ignorou-os e continuou os exercícios. Fred resolveu fazer o mesmo e voltou-se para Alexis.

— Vamos então começar? — Ela anuiu, um pouco ansiosa, e ele continuou: — Muito bem. Vamos começar com algo simples. Deixa-me ver... Ah, sim! Simples e útil. Vou ensinar-te o feitiço que lancei sobre ti, o de compreensão. Há duas coisas que têm de ser feitas para o executares. Primeiro, a parte fácil: decorar as palavras necessárias. Normal-

mente são palavras simples relacionadas directamente com o feitiço. Neste caso basta concentrares-te na frase “compreensão humana”.

— Só isso? Nada de palavras esquisitas e incompreensíveis?

— Conseguias concentrar-te neste feitiço se tivesses de dizer palavras que não compreendias? O efeito acabava por ser o oposto.

— Pois, acho que tens razão.

— Muito bem. Continuando com a teoria. Eu sei que é chata, mas é necessária... infelizmente — disse o aprendiz do Ar, fazendo uma careta.

Ela, no entanto, não concordava. Talvez para ele, que nascera e crescera naquele mundo, no meio de tudo aquilo, fosse mesmo enfadonha. Mas para ela, a teoria era bastante interessante, também pelo facto de a poder ajudar a compreender o que se passava. Larn soltou uma espécie de grunhido, gozando-os. Alexis ignorou-o e pediu a Fred que continuasse.

— As palavras que te disse vão servir como molde para a magia. Por vezes será necessário executar um ou outro gesto. Com o tempo, é possível ganhar experiência suficiente para executar certos feitiços sem fazer nada disto.

— Como tu, por exemplo. Certo?

— Mais ou menos. No caso dos elementares existe uma afinidade maior com o seu elemento. Chamemos-lhe um dom natural. Devido a esse dom, a ligação com esse tipo de magia é tão grande que, uma vez aprendido o feitiço, bastará um pensamento para moldar a magia. Mas isto tudo é apenas isso: o molde. Falta a “matéria-prima” que vai ser moldada. Essa encontra-se dentro de cada ser vivo e é conhecida por chacra. Existem sete ao todo, um para cada tipo de magia. É essa energia interior que tu tens usado inconscientemente.

— Pois... isso tudo parece fácil ao falares... mas fazê-lo de forma consciente é que não sei.

— É mais fácil do que pensas. Podia continuar com uma explicação enorme sobre o chacra, mas acho que não te ia ajudar muito. Acho mais fácil simplesmente tentares concentrar-te em usar a tua força de vontade para canalizá-lo.

— Então, basta acreditar que consigo? É isso que queres dizer?

— Julgo que para este feitiço isso basta, sim. Bem, supostamente até será sempre assim, mas não é numa tarde que o deves conseguir fazer. Mas contigo já acredito em tudo. Anda lá, experimenta.

Alexis decidiu então fazer o que Fred dissera e começou a concentrar-se.

# FUGA

Alexis, Fanir e Fred chegaram aos portões do cemitério. Todos os sobreviventes estavam lá. Alguns espectros voavam à volta deles, tal qual abutres à espera que a presa moribunda caia. Soldados, e não só, aguardavam um ataque, mas este não acontecia.

Fred não tinha dito mais nada, apesar das perguntas de Alexis e do General.

Fanir indicou a dois soldados que abrissem os portões do cemitério e a outros dois que guiassem a população. O plano era chegar à muralha norte e aí fazer descer uma ponte secreta, sobre o fosso que cercava a cidade. A população seguiu as instruções e deslocou-se ordenadamente, para grande alívio dos militares.

Junto à entrada do cemitério existiam alguns jazigos, seguidos de corredores de gavetões e, por fim, um campo imenso de lápides, que se estendia até às muralhas.

Alexis tentou ler algumas inscrições, mas sem sucesso. Teria mesmo de aprender aquela língua, pois o feitiço resumia-se à compreensão oral. Quando todos estavam embrenhados naquele mar de lápides, os soldados inimigos surgiram dos corredores de gavetões. À volta deles pairavam os espectros. Fanir compreendeu, então, o comentário de Fred a caminho do cemitério. Um homem, de cabelos curtos e grisalhos, avançou de entre os soldados invasores. Envergava uma armadura de couro, negra e com um escorpião vermelho no peito. Tinha uma espada curta, que estava embainhada, e atrás dele esvoaçava uma capa negra.

— Um necromante... O que eu temia aconteceu — disse o aprendiz elementar.

— Uma armadilha. Eles limitaram-se a empurrar-nos para aqui...  
— compreendeu Fanir. — Atenção! Preparem-se para a verdadeira batalha!

O necromante parou junto às primeiras lápides e deitou um olhar cruel aos adversários. Ajoelhou-se e enfiou os dedos na terra. À volta dos seus braços começou a pulsar energia negra, formando uma densa nuvem de fumo. Imediatamente a seguir, o fumo negro rodopiou em redor dos seus membros superiores e dirigiu-se para o chão, como se tivesse sido sugado, e desapareceu.

— Avancem para a muralha! Rápido! Mantenham-se atentos! — gritou o General.

Todos obedeceram.

O necromante levantou-se, aparentando algum cansaço, e lançou um grito de comando. Os espectros investiram, seguidos dos soldados. A pouca iluminação artificial no cemitério provinha de tochas que transportavam, o que dificultava a batalha aos defensores.

Fanir explicou a um soldado como baixar a ponte e voltou-se a tempo de enfrentar um não-morto, enquanto o homem corria em direcção à muralha atrás deles.

— Alexis, mantém-te perto de mim — pediu Fred. De seguida, com a espada, desenhou um arco horizontal no ar à sua frente. Um arco de energia eléctrica partiu desse ponto e expandiu-se na direcção dos atacantes. Cinco soldados inimigos gritaram e caíram no chão com convulsões, perdendo assim a vida.

Outro grito, vindo de perto da muralha atrás deles, fez Fanir voltar-se e ver o seu enviado cair morto. O assassino era humano... morto havia algum tempo e acordado do seu sono supostamente eterno pelo necromante. No corpo em decomposição vislumbravam-se alguns dos ossos. Da boca, escorria o sangue do soldado. Nos incontáveis túmulos do cemitério, a terra começou a ser revolvida e criaturas semelhantes começaram a aparecer. Em segundos estavam cercados.

— Oh, bolas! Isto está cada vez melhor... — ironizou Fred.

Mas o pior aconteceu quando os não-mortos entraram no campo de visão dos fugitivos. Muitos eram rapidamente reconhecidos: pessoas mortas nas batalhas dos últimos dias.

— Lutem pelas vossas vidas! Estas já não são as pessoas que conheceram! — avisou Fanir.

Se as palavras tiveram efeito em alguns, noutros não foram o suficiente. Muitos pereceram num primeiro ataque, mas pelo menos isso fez os restantes reagirem.

Larn, ao ver a irmã e a mãe em perigo, reagiu prontamente, decapitando o corpo de um amigo morto na batalha de há três dias. Porém, apesar do perigo, foi incapaz de agir perante a criatura seguinte. Ao vê-la, Livia desfaleceu e Siona ajoelhou-se com lágrimas a escorrerem-lhe pela cara.

— Pai! — gritou Larn.

A criatura parou e observou-o, atraída pelo som. Finda aquela distração, procurou novamente um alvo. Foi Siona quem encontrou, visto estar mais perto. Uivando de desespero, Larn investiu e trespassou a criatura, retirando a espada de imediato. Não foi o suficiente. Com grande rapidez, o não-morto voltou-se e atirou-se a ele, tentando rasgar a garganta do próprio filho com os dentes. Larn aproveitou o impulso do adversário e deixou-se cair para trás, agarrando-o pelos braços. Ao atingir o chão, colocou os pés no peito do “pai”, projectando-o para trás com uma cambalhota. Levantou-se rapidamente e apanhou a espada que, entretanto, havia deixado cair. Com os olhos afogados em lágrimas, separou a cabeça do *zombie* do resto do corpo, concedendo-lhe finalmente o descanso merecido.

Alheio a este drama, Fred lutava também para defender a sua vida e a de Alexis. Usava agora duas espadas, uma das quais havia perseguido a um soldado inimigo. Executava um bailado mortal, rodopiando sobre si mesmo e golpeando a uma velocidade vertiginosa.

— Fanir! — gritou. — Diz-me como se baixa a ponte.

— Junto à muralha norte existe uma lápide sem nada escrito, mais ou menos nesta direcção — disse, o protocolo posto de lado, apontando para o dito local. — Derruba-a e encontrarás um conjunto de alavancas. Puxa a primeira e a última. Depois empurra a primeira novamente.

— Certo. Toma conta da Alexis. Eu...

— Eu vou! — interrompeu uma voz atrás deles. Voltaram-se e encararam a terrestre.

— Estás louca? — perguntou Fred. — Isto está repleto de *zombies*!

— Olha à tua volta! Isto tudo é loucura. Prefiro fazer algo a ficar de braços cruzados e ver todos morrerem.

— É perigoso — lembrou Fanir.

— Bem, vamos ver se as aulas de Educação Física valeram para alguma coisa.

Virou costas e começou a correr na direcção indicada pelo General, sem lhes dar hipótese de mais discussão. Alguns metros adiante, um soldado tombava com a cabeça torcida num ângulo impossível. Um espectro gritava, vitorioso. A adrenalina voltou a percorrer-lhe o cor-

po. Agia por instinto, ignorando toda aquela loucura. Mergulhou e deu uma cambalhota, apanhando a espada que o soldado havia deixado cair ao morrer, evitando em simultâneo o ataque de um *zombie*. Continuou a correr e saiu da zona da batalha, percorrendo um caminho de terra batida. As dificuldades não acabavam, porém, pois adiante três *zombies* bloqueavam-lhe a passagem.

Sem abrandar, virou e entrou no campo de lápides, saltando por cima dos túmulos revolvidos. Ao galgar um deles, uma mão ergueu-se do solo subitamente e agarrou-lhe o tornozelo, fazendo-a cair. A espada tombou ao seu lado, fora do alcance. Uma cabeça, praticamente descarnada, irrompeu do solo e lançou-se sobre a sua perna. Alexis atacou-a prontamente com o pé livre. A pancada desequilibrava o *zombie* o suficiente para que alcançasse a espada e se virasse a tempo de lhe desferir um golpe no pescoço, decapitando-o. Ficou a olhar para o não-morto, surpreendida consigo própria, enquanto este lhe largava o pé e regressava ao túmulo.

— Boa... — comentou ao ver que uma das sandálias rebentara.

Ouviu pés a arrastarem-se. Olhou e viu um *zombie* a aproximar-se. Descalçou as sandálias, levantou-se e continuou a correr. Regressou ao caminho de terra batida, deixando os três *zombies*, que vira antes, atrás de si. O caminho acidentado martirizava-lhe os pés e apenas a adrenalina lhe permitia ignorar a dor.

Chegou finalmente à muralha. Olhou à volta, à procura de inimigos. Apenas distinguia algumas sombras a movimentarem-se ao longe. Procurou a lápide e, embora a luz fosse escassa, encontrou-a rapidamente. Empurrou-a, mas era demasiado pesada. Forçou-a com toda a sua energia, apenas conseguindo incliná-la um pouco, o que de nada valeu pois, assim que se cansou, a lápide regressou ao lugar. Ouviu guinchos atrás de si e voltou-se, assustada.

— Morcegos! — riu nervosamente. — Calma, rapariga. Concentra-te.

Voltou-se para a lápide e tentou outra vez. Não viu, por isso, um dos morcegos, maior do que os restantes, afastar-se do grupo e mergulhar na sua direção. Tão pouco viu quando este começou a tomar forma humanóide em pleno ar, investindo de garras apontadas às suas costas e a boca a salivar.

O ataque inicial foi devastador, mas os soldados e os cidadãos sobreviventes e em condições de lutar fizeram rapidamente um círculo em volta dos que não o podiam fazer. À medida que um deles caía, o

círculo apertava. Mesmo assim, a tática estava a resultar. Os soldados inimigos recuaram e deixaram a luta corpo a corpo para os *zombies* e espectros, preparando agora as suas bestas e arcos. Antecipando a estratégia dos invasores, Fred resolveu atacar primeiro.

— Mantenham-se onde estão! — advertiu o elementar, esticando os braços para os lados.

A dois metros do círculo, o ar começou a rodopiar, cada vez mais rápido. Soldados e não-mortos foram arremessados, derrubando os restantes que não haviam sido apanhados pelo vento. Apenas os fugitivos permaneceram incólumes. Fanir viu a sua oportunidade.

— Rapaz, se algo me acontecer, assume o comando e leva esta gente daqui para fora.

Antes que Fred pudesse responder, Fanir soltou um grito de guerra e correu direito aos corredores de gavetões. Os soldados e não-mortos que ousavam atravessar-se no caminho eram rapidamente derrubados. Depressa alcançou o líder necromante, que ainda estava aturdido pelo cansaço e pelo ataque de Fred. O feiticeiro negro ainda desembainhou a espada, mas Fanir desviou-a com o escudo e com uma estocada trespassou-lhe o coração.

O ataque impetuoso poderia ter mudado o curso da batalha: os *zombies*, agora que o necromante havia morrido, não tinham quem os controlasse e atacavam os humanos das duas facções, sem qualquer estratégia.

Fanir tinha agora de regressar. Lançou-se numa corrida desesperada, mas desta feita um espectro conseguiu derrubá-lo. Voltou-se de barriga para cima e protegeu-se com o escudo, no qual resvalaram os dedos ossudos do não-morto, e com um golpe matou-o. Os *zombies*, porém, não desperdiçaram a oportunidade. Quatro deles lançaram-se sobre Fanir antes deste se poder erguer, arrancando-lhe pedaços da armadura. Com o escudo, empurrou um dos execráveis inimigos, mas os restantes começaram a morder-lhe a carne. O grito lancinante terminou rapidamente, um dos não-mortos arrancara-lhe a laringe com uma dentada. Em segundos, tudo estava terminado.

Fred protegia os sobreviventes e assistiu a tudo sem nada poder fazer. Gritou de frustração, enquanto matava outro *zombie*. Contudo, Fanir criara-lhes uma grande oportunidade. Não podia desperdiçá-la.

— Para a muralha! — berrou. A ordem ecoou e todos obedeceram ao seu novo comandante.

No último segundo, Alexis presentiu o ataque e lançou-se para o lado esquerdo, não evitando ainda assim que o vampiro lhe ferisse as cos-

tas. O não-morto, contudo, havia adquirido demasiada velocidade e, não contando com a reacção da presa, esbarrou contra a lápide, que tombou, expondo um buraco com três alavancas. O monstro foi o mais rápido a recuperar e saltou sobre ela. Alexis, sentada no chão, fechou os punhos instintivamente, agarrando em terra sem querer. Apercebendo-se disso, lançou-a à cara do vampiro, aturdindo-o. Gatinhou até às alavancas e com as duas mãos puxou a primeira. Percebendo um novo ataque, Alexis agarrou na espada e apontou-a ao peito da criatura, trespassando-a.

— Ou isto é um sonho ou então estou louca — comentou, ofegante, enquanto retirava a espada do peito do vampiro, que caiu no chão. Os ferimentos nas costas fizeram-na perceber que não era um sonho. — Estou louca — concluiu.

Olhou mais uma vez para o vampiro e deu-lhe um pontapé, antes de voltar para as alavancas. Pousou a espada e puxou a terceira alavanca. Ouviu um barulho ao seu lado e deitou a mão à espada, mas foi tarde demais. O vampiro atingiu-a com um soco, projectando-a de costas contra a muralha. A dor quase fez com que perdesse os sentidos. Sem lhe dar tempo para reagir, saltou novamente sobre ela e levantou-a no ar pelos braços.

— Humana... — silvou. — Surpreendeste-me várias vezes... Mas não vais viver para te vangloriaries.

Ela não entendeu o que ele havia dito, mas ao vê-lo expor os caninos e dirigi-los para o seu pescoço, percebeu qual seria o seu destino. Tentou reagir, concentrar-se num relâmpago, mas os sentidos ameaçavam abandoná-la. Um grito interrompeu a refeição do vampiro, que mostrou um ar exasperado ao virar a cara para ver o que se passava. Viu Larn, furioso, instantes antes de ser derrubado por ele. O impacto fê-lo largar Alexis, que caiu desamparada no chão. O vampiro foi rápido a levantar-se, mas os três virotes que se espetaram no peito fizeram-no cambalear. O jovem levantou-se também e com um golpe rápido decepcionou-o.

Fred apareceu nesse momento, correndo imediatamente para a sua protegida.

— Alexis, fala comigo — pediu-lhe, enquanto se ajoelhava ao seu lado e a segurava nos braços.

— A alavanca... falta só empurrar... a primeira.

— Não te esforces. Guarda as tuas forças.

— Não... te preocupes... estou só cansa... da. Só isso... — disse ainda, antes de perder a consciência.

Larn aproximou-se e segurou no braço de Alexis para lhe medir a pulsação.

— Ela está viva, apenas inconsciente. Não sou um perito, é um facto, mas acho que vai ficar bem. Eu... — Pousou uma mão no ombro de Fred. — Peço desculpa. Já lhe tinha pedido a ela e agora peço-te a ti.

Fred apertou Alexis contra o peito e assentiu.

— Senhor! — gritou um soldado — O inimigo está a conseguir vencer os *zombies*. A seguir seremos nós. O que fazemos?

O aprendiz do Ar beijou a jovem terrestre na testa e entregou-a aos cuidados de Larn. De seguida, levantou-se e olhou em redor. Todos o observavam, expectantes.

— Seguimos o plano do General, lutamos até ao fim se for preciso — sustentou, correndo para as alavancas e empurrando a primeira.

Atrás deles, uma secção da muralha começou a descer. Os sons de batalha desvaneciam, o que indicava que em breve os *zombies* seriam derrotados. A muralha terminou a descida e os sobreviventes do massacre começaram a sair. Fred foi o último, seguindo Larn, que carregava Alexis nos braços. A leste, Selénia começava a nascer por cima de um monte, devolvendo a esperança. Os gritos dos soldados inimigos e dos espectros atrás deles, que indicavam o início de um novo ataque, retiraram-na novamente.

Do topo de uma colina a norte de Águilar, a figura arnesada tinha a visão perfeita da situação: soldados de armaduras negras atravessavam uma ponte para irem ao encontro dos sobreviventes do último ataque à cidade; dezenas de espectros flutuavam por cima das muralhas, com o mesmo destino; os sobreviventes, esses, limitavam-se a defender os feridos, rodeando-os.

*Uma estratégia desesperada*, pensou, ao olhar para os fugitivos, no entanto, é a única que lhes resta.

A luz matinal de Selénia reflectiu-se na armadura prateada, ao mesmo tempo que uma brisa ligeira lhe acariciava a face. Voltou-se e observou os seus soldados. Cerca de cento e cinquenta pares de olhos observaram-no, ansiosos por ordens. Sorriu. Não tinha dúvidas, o inimigo não teria qualquer hipótese. Voltou-se de novo para a batalha, colocou o elmo na cabeça e desembainhou a espada, apontando-a na direcção do adversário.

— Por Aurora! — bradou, enquanto esporeava o cavalo.

O clamor ecoou atrás de si e dezenas de soldados começaram a descer o monte atrás do líder, correndo direitos à batalha que tanto esperavam.

Alexis acordou sobressaltada e tentou sentar-se, mas alguém a impediu pondo-lhe uma mão no ombro. Deu consigo a olhar para uma rapariga envolta num manto branco com um capuz que lhe tapava a cabeça. Uma madeixa que havia fugido para a cara dava-lhe a entender que tinha cabelos castanhos e compridos. Observou o rosto suave e olhou-a nos olhos, castanhos, sem compreender o que se passava.

— Sossegue — pediu a rapariga. — Está tudo bem. Já não corre perigo.

— Quem...?

— O meu nome é Annya, sou curandeira. Estou a tratar os seus ferimentos. Não são graves, mas precisam de cuidados.

Alexis assentiu e deixou-a continuar.

— Obrigada. O meu nome é...

— Alexandra. Sim, eu sei. Foi por sua causa que viemos. Pode sentar-se agora.

— Parece que só dou trabalho... — lamentou. — Onde estamos? O que se passou? Lembro-me de lutar com um monstro e de falar com o Fred. E depois nada.

— Estamos num acampamento a norte da cidade. Lutou sozinha com um vampiro e sobreviveu, o que já é algo. Mas foi bastante maltratada e acabou por perder a consciência. Ah! Vem aí o General. Ele irá explicar melhor o que se passou.

Alexis seguiu o olhar da curandeira e viu um homem, com uma armadura prateada, vir na sua direcção. Arregalou os olhos ao reconhecer-lo. Era o mesmo cavaleiro com que sonhara no autocarro. Observou-o melhor: cabelo escuro bem curto, um rosto belo e olhos cor de mel. A luz de Selénia incidia na armadura, fazendo brilhar o pégaso dourado no peito, dando-lhe um ar heróico e possante. Alexis sentiu o ritmo cardíaco acelerar. Ao lado dele seguia Fred. Este tinha ligaduras em ambos os braços e numa das pernas. Ao vê-la acordada, correu para ela, ajoelhando-se ao seu lado e abraçando-a.

— Graças aos Deuses estás bem! Quando te vi perder os sentidos temi o pior.

— Ena! Ele tem sentimentos — comentou a curandeira. Fred e Alexis voltaram-se para ela, estranhando o comentário.

O cavaleiro aproximou-se deles. Fred levantou-se e, juntamente com Annya, ajudou Alexis a fazer o mesmo.

— Esta é a rapariga mais falada nos últimos tempos — apresentou ele. — Alexis este é o...

— *Sir Francis Guesdroi*, ao seu dispor *Lady Alexandra* — interrompeu o paladino, levando um joelho ao chão e beijando-lhe a mão, fazendo-a corar.

Fred soprou pelas narinas.

— Não sei o que é que elas vêem nele — resmungou, cruzando os braços. A curandeira aproximou-se dele e sussurrou-lhe ao ouvido.

— Esta é apenas uma das grandes diferenças entre vocês. Ele sabe ser galante.

— Ei!!! — exclamou, esbracejando ao mesmo tempo, como que para a afastar. — Mas que bicho te mordeu? Que mal te fez? Conheço-te?

— Por acaso, conheces! Não que fosse necessário, a tua fama persegue-te. Sei de algumas raparigas, que por sua vez conhecem outras que passaram pelo mesmo, a quem “súbitas” rajadas de vento lhes levantaram a saia ou o vestido. Curiosamente, tu estavas sempre presente. Não vale a pena negares — acrescentou ao ver o ar dele, apontando um dedo acusador.

Francis olhava para a cena, divertido, enquanto os olhos de Alexis iam alternadamente de um para o outro. Fred estava mais vermelho do que um tomate maduro.

— Mas eu... — começou a dizer.

— Mas nada! Como se isso não bastasse, houve alguém que usou os seus poderes para espreitar um certo balneário feminino, onde eu, por acaso, me encontrava — declarou com ar triunfante, visto tê-lo deixado malvisto perante Alexis.

— Ei! Ei! Ei! Acalmem-se os dois. Curandeira Melion! — interveio Francis.

— Desculpe-me, Senhor — respondeu ela, um pouco envergonhada pela sua atitude em frente a um superior.

— Fred! Vem comigo. O Mestre Oxior pediu-me que te entregasse uma coisa.

Fred seguiu-o, olhando para Alexis que lhe retribuiu com um ar desaprovador.

— Aquele idiota... Como é que o conseguiu aturar até agora? — perguntou a curandeira a Alexis assim que eles se afastaram.

— Bem... sabe, ele não é assim como disse... quer dizer, pelo menos comigo não foi... Mandou uns piropos, é verdade, mas nunca me desrespeitou, pelo contrário.

— Pois...

— No meio disto tudo fiquei sem saber o que se passou. — Alexis resolveu mudar de assunto ao ver o ar pouco à vontade da rapariga, agora arrependida de se ter descontrolado.

— Ao que parece, havia uma passagem secreta pela qual fugiram da cidade. Os soldados de Adina seguiram-vos e teriam acabado por vos matar senão tivéssemos aparecido. Devíamos ter chegado mais cedo, mas alguém avisou o inimigo, de modo que fomos constantemente atacados e atrasados.

— E a cidade?

— Está sob o controlo deles. Muito provavelmente conseguiríamos recuperá-la, mas a nossa missão é escoltá-la à Cidade de Aurora. Já foram enviados mensageiros com avisos para reforçar as vigias mais próximas.

— Entendo. E quanto aos que escaparam?

— Irão connosco até Aurora, onde lhes será prestado auxílio.

— Não terá visto um rapaz chamado Larn?

— Pelo nome, não sei.

— Certo. Irei eu mesma procurá-lo.

— Com certeza. Eu irei assistir outros feridos. Chame se precisar.

Fred e Francis seguiam lado a lado. O aprendiz do Ar estava curioso. O mestre não lhe havia dito nada sobre uma eventual entrega. Entretanto, aproveitou a caminhada para saber o que iriam fazer.

— O melhor talvez seja manter o plano original e seguir para Aurora — disse Francis.

— Talvez não. Temos um grande problema: caçadores.

— Achas que Adina os poderá usar aqui?

— Não acho, tenho a certeza. — Francis olhou-o, admirado. — Digo isto porque já os confrontámos.

— “Os”? Mais do que um? Isso é muito mau... Adina sabe mais do que pensávamos.

— Pois. Mais do que eu. Qual é o interesse nela, afinal?

— Se não te contaram antes, talvez eu não deva...

— Tretas! Disseram que não havia tempo. Agora temos tempo.

Francis fitou-o, pensativo.

— Acho que tens razão. Continuemos. — Fez um gesto com a mão, a indicar o caminho, e recomeçaram a andar. — Adina tem ganho poder desde a morte de Mariya, a Feiticeira Suprema de Aurora. Na altura, reinava Siul, pai da nossa Rainha Luana.

— Da tua Rainha. E sim, eu sei disso. Gostava que me dissesses algo novo.

— Tem calma, sê um pouco mais paciente. Continuando: desde essa altura, o poder dessa vil necromante tem crescido quer a nível

peçoal e mágico, quer a nível militar. Sem ninguém com poder para a impedir, ela uniu o seu exército aos de outros necromantes e aos de muitos senhores de guerra. Alguns, por medo ou ganância, aceitaram juntar-se a ela, outros recusaram e pagaram o derradeiro preço. Fosse qual fosse a decisão, Adina conquistava os seus inimigos e o seu exército aumentava.

Chegaram ao pé do cavalo de Francis. O cavaleiro pousou a mão na montada e olhou para Fred, que aguardava cada vez mais impaciente.

— Ela resolveu, por fim, atacar os restantes territórios. A campanha insana em que se lançou ceifou a vida a centenas de inocentes. Essa foi uma das razões pela qual me alistei, sabes? Enfim, lutei no exército de Aurora e os meus feitos chegaram ao conhecimento do próprio Rei Siul. Armou-me cavaleiro da sua guarda pessoal, mas infelizmente morreu em combate pouco depois. Na sua morte, jurei-lhe proteger a sucessora com a minha própria vida.

— Muito bem... Que tal parares de desviar o assunto? Volto a perguntar, onde é que entra a Alexis no meio disso?

— Bom... Como não conseguíamos impedir o avanço de Adina, vimo-nos obrigados a procurar... alguém... com poder suficiente para lhe fazer frente. A resposta, curiosamente, surgiu na forma de uma jovem terrestre chamada Alexandra.

— Pois, curioso. O que me estás a esconder? Eu já a vi fazer coisas que não era suposto saber fazer. Diz-me a verdade. — Fred estava agora bastante sério, o que inquietou Francis.

— Livra! Ficaste demasiado desconfiado nos últimos tempos — gracejou. Ao ver que Fred mantinha a mesma postura, também ele ficou sério. — Certo. Ela é um avatar.

Fred desviou o olhar de Francis e ficou a fitar o horizonte.

— Eu calculei. Vocês fazem ideia daquilo em que se estão a meter? É certo que ter um do nosso lado equilibraria as coisas, mas um avatar não é uma “arma” qualquer que possamos controlar.

— Sim, nós temos consciência de que...

— Talvez não tenham! Esquecem-se de que a tendência deles é deixarem-se seduzir pelo poder que possuem! — Fred começava a falar cada vez mais alto e exaltado.

— Não, não nos esquecemos disso. Nem disso, nem do que se passou contigo. Agora, acalma-te. É óbvio que o fazemos porque não temos outra saída. Adina tem poder para enfrentar o teu mestre e os outros elementares em simultâneo, ou será que *tu* te esqueceste disso?

— Não, não me esqueci... — Durante uns segundos, Fred permaneceu silencioso e relembrou o momento em que perdeu os pais. O mesmo momento em que também ele ia perdendo a vida. Um avatar enlouquecido espalhava o terror e tudo parecia perdido até Oxior intervir e o derrotar, com muita astúcia e uma boa dose de sorte. Ficara órfão, entregue à própria sorte, sorte essa que o Deus Elementar resolveu moldar, adoptando-o como filho e aprendiz. Uma mão no ombro fê-lo regressar à realidade.

— Desculpa. Talvez fosse melhor não te ter contado. Foi também por Alexis ser o que é que Oxior achou que devias ser tu a realizar esta missão.

— E achou bem — disse inesperadamente. — O tempo que estive com ela foi o suficiente para perceber que tem algo de diferente. Além disso, eu só tenho uma palavra. Irei protegê-la, seja qual for o preço.

— Fico feliz por ouvir isso. E se o que me contaste sobre os caçadores é verdade, vais mesmo precisar disto. — Francis desamarrou um bastão, envolto em panos, da cela do cavalo e passou-o a Fred, que o desembrulhou de imediato.

O bastão, que em pé era quase da altura do aprendiz do Ar, era feito de um metal prateado que, embora raro, nada tinha de extraordinário. Fred reconheceu de imediato a arma com a qual havia treinado imensas vezes. Era extremamente leve, mas o que a tornava especial era o facto de canalizar os seus poderes elementares, aumentando-os consideravelmente. Se o mestre lhe entregava a arma para uso fora dos treinos, isso significava que a aprendizagem estava praticamente completa. O pensamento fê-lo sorrir.

— Vou comunicar com a rainha e rever o plano. Acho que será necessária uma alteração. — Dito isto, o cavaleiro sentou-se no chão e cruzou as pernas, entrando imediatamente em transe.

Alexis encontrou Larn rapidamente. Este tinha resistido à batalha sem ferimentos graves, mas Livia não tinha tido igual sorte: durante o último ataque, uma flecha havia-lhe trespassado o ombro. Todavia, também ela se encontrava fora de perigo. Só Siona escapara sem quaisquer lesões. Alexis aproximou-se e sentou-se ao lado deles.

— Como te sentes? — perguntou Larn.

— Estranhamente bem. Quer dizer, estou dorida, mas tendo em conta a tarefa que levei... — riu-se. — E vocês?

# A CAÇADA

Deixando para trás a aldeia de Solin, onde haviam passado a noite, os três companheiros seguiam viagem. Conforme Francis dissera, a cada dia conseguiam chegar a uma aldeia, onde dormiam e compravam provisões para o dia seguinte.

Na noite em que partiram, e após terem voado por três horas, Fred abriu o pergaminho e leu-o. Continha instruções que indicavam uma rota que começaria em Cipra, uma aldeia costeira a leste. Comprariam passagem num barco para Salite, a norte, e daí seguiriam directamente para a capital, Aurora. Apesar do desvio, Fred contava demorar o mesmo tempo que o destacamento a chegar à capital, pois a partir de Salite poderia usar os seus poderes e poupar-lhes muito tempo.

Annya voltara a vestir o manto branco, que lhe cobria o corpo todo. Esta indumentária, típica dos curandeiros, tinha um capuz que ela usava a maior parte do tempo. A prender a capa, usava um broche dourado em forma de pégaso, símbolo dos súbditos do reino de Aurora.

Pelo caminho, Alexis aproveitou para fazer algumas perguntas acerca daquele mundo, o que despertou a curiosidade de Annya.

— Que quer dizer com “este mundo”?

— É que... bem, eu... quer dizer, eu vim de um sítio um bocado longe...

— Ela veio da Terra — interrompeu Fred, sem rodeios. — Não vejo problema algum em dizer-lhe a verdade — acrescentou, vendo o ar alarmado de Alexis.

— Não digas idiotices — replicou a curandeira, mas calou-se ao olhar para Alexis e vê-la anuir, confirmando o que ele tinha dito. — É... mesmo verdade?

— Sim. Ela veio mesmo de lá.

— Mas... Estou confusa... Não me entenda mal, *Lady Alexandra*, mas o que faz aqui?

— Aparentemente, ela tem um grande potencial mágico. Aliás, eu confirmo-o. Mas há algo mais que nem a mim me disseram... por exemplo, como a encontraram.

Alexis, ficou a meditar nas palavras do aprendiz do Ar. Os outros dois perceberam e retomaram o assunto anterior. Contaram-lhe muitas histórias e coisas interessantes sobre Nova, mas houve uma em particular que lhe prendeu a atenção: a história de Selénia, a Deusa da Luz, que era representada pela estrela daquele planeta, e Ásis, o Deus das Sombras, simbolizado pelo grande astro noturno. Dizia a história que estes Deuses, após observarem durante séculos as batalhas entre a luz e a escuridão, decidiram tentar alertar os habitantes de Nova para a inutilidade da guerra. Como cada uma das facções venerava um deles, resolveram conceber um filho, Kian. Este novo Deus passou a ser adorado por todos, mas não cumpriu o objectivo principal dos seus pais: acabar com a guerra.

— Pode ser que os Deuses um dia se fartem e tomem uma posição mais séria, acabando com esta guerra idiota.

— Se é idiota, porque é que os Deuses Elementares resolveram ajudar-nos? — ripostou Annya.

— Porque, se um dos lados ganha, o equilíbrio de Nova será comprometido e poderá ser o fim de tudo o que existe no planeta. Se vos ajudamos é também para impedir que não façam disparates.

— Desculpem interromper — interveio Alexis —, mas lutar será a melhor solução?

— Quando não nos ouvem, infelizmente, parece que sim. Os mensageiros enviados nunca voltaram. E Adina fez questão que nós soubéssemos o que lhes tinha feito — explicou Fred.

— Eu só gostava de saber se vocês estariam contra nós se a situação fosse inversa — resmungou Annya, bastante irritada.

— É óbvio que estaríamos. Mas os Deuses Elementares nunca o esconderam. Partimos apenas do princípio que vocês estariam mais abertos ao diálogo.

— Nós não somos carniceiros como eles. Não queremos escravizar ninguém, apenas impedir a morte de inocentes e restabelecer a paz de outrora.

— Para vosso bem, espero que assim seja.

Annya e Fred trocaram olhares fuziladores. Alexis ficou sem saber o que dizer. Aparentemente, o objectivo da tal rainha era nobre, mas

não teria Fred razão? Não poderia a fé dela levá-la demasiado longe? Mas era ainda muito cedo para tirar tais conclusões, pelo que optou por distrair os companheiros antes que a tensão aumentasse.

— O que é feito desses Deuses?

— Bem, Selénia continua a iluminar os dias e Ásis as noites, como sempre o fizeram — respondeu Fred, devolvendo-lhe a atenção.

— A união deles, no entanto, presenteou Nova com um novo astro — completou Annya. — O aparecimento de Kian foi tão repentino que na altura muitos temeram o pior.

— Repentino? — perguntou Alexis, intrigada. — Como assim?

— Há dois mil anos, um dia quando Nova acordou, havia outro astro a passear no céu — continuou Fred. — Desde então, Kian aparece nas terras do Norte durante a primeira metade do dia e a primeira metade da noite e nas terras do Sul durante a segunda metade do dia e da noite.

E assim se sucederam as conversas durante a viagem. Falaram sobre imensas coisas, quase sempre sobre Nova, mas algumas vezes também sobre a Terra, assunto que fascinava Annya. A amizade entre os três começou a crescer, com algum atrito entre Annya e Fred. As discussões entre a curandeira e o aprendiz elementar eram frequentes, mas Alexis, divertida, acalmava sempre os ânimos.

No entanto, agora que a primeira etapa da viagem estava a terminar, seguiam todos em silêncio, cada um embrenhado nos seus pensamentos, sem consciência dos perigos que estavam à espreita.

Cipra era uma cidade impressionante. Fred já lá havia estado algumas vezes e era, portanto, o que menos se pasmava com a beleza que ela ostentava. Os edifícios, alguns dos quais atingiam seis andares, tinham esculpido nas suas fachadas baixos-relevos relacionados com o mar, como cordas e âncoras, e criaturas marinhas, entre as quais peixes vários, tartarugas enormes e belas sereias. Existiam imensas lojas de artigos relacionados com o mar: peixarias, artigos de pesca e até mesmo o que parecia ser um posto de turismo.

As avenidas, algumas das quais bastantes largas, estavam apinhadas de criaturas de várias espécies. Alexis mal conseguia acreditar no que observava. À sua frente estavam criaturas que apenas havia visto em livros de fantasia: anões, a maioria de longas barbas e narizes aduncos, que andavam atarefados de um lado para outro com os artigos de pesca que tentavam vender; elfos, belos e de orelhas pontudas, e homens que conversavam uns com os outros; ao fundo da rua estavam

dois minotauros, aparentemente em patrulha, empunhando, cada um, um machado grande de lâmina dupla e curva. Fred explicou-lhe que estes eram a guarda local.

— Estás a pensar comprar passagem num barco de passageiros?  
— perguntou Annya a Fred.

— Não. Podíamos misturar-nos com a população, é um facto, mas acho que não nos serviria de muito, tendo em conta os nossos prováveis perseguidores. Vamos tentar antes um navio mercante.

— Pois, claro! E tu deves achar que o dinheiro que temos dá para tudo. Uma viagem de barco é cara e os navios mercantes cobram ainda mais para levar passageiros. *Sir* Francis não nos deu o suficiente para isso.

— Eu sei. Mas espero conseguir negociar algo com o capitão de um dos barcos. Além disso, colocamos menos gente em perigo.

— E o que temos nós para negociar?

— Eu sei de algo — respondeu, olhando para Annya com um grande sorriso, fazendo-a corar de fúria.

— Porco! — insurgiu-se a curandeira. — Tu não estás a pensar que eu...

— Cala-te, idiota! Não é o que tu estás a pensar, convencida. E vê lá se dás menos nas vistas, está toda a gente a olhar para nós.

Alexis, sem dar muita importância à discussão, continuava a observar a cidade. Esta estava construída ao longo de um declive, o que fazia com que do ponto onde se encontravam, à entrada, tivessem vista até ao mar. Podiam mesmo observar praticamente toda a cidade e o mar até ao horizonte, tal como a foz do rio Sento. O som de cascos perto de si chamou-lhe a atenção e voltou-se. Em vez de um cavalo, deu de caras com um centauro, a criatura mitológica com corpo de cavalo e torso, braços e cabeça humanos. Este dispensou-lhe um olhar casual e seguiu caminho sem lhe dar importância. Cipra era, sem sombra de dúvida, um ponto de encontro de diversos povos.

— Vai ser difícil arranjar onde ficar esta noite — comentou Annya enquanto Alexis tentava entender, sem sucesso, o que o centauro estava a dizer a um elfo.

— Nem por isso. A cidade tem imensos hotéis e pensões — explicou Fred. — Além disso, as tripulações costumam dormir nas próprias embarcações.

Desceram a avenida principal até chegarem ao cais. Fred pediu às raparigas que esperassem junto a uma estátua enorme que estava no meio da praça, perto das docas. Enquanto se dirigiam para lá, um

homem de aspecto desmazelado dirigiu-lhes um comentário qualquer. Annya deitou-lhe um olhar gelado como resposta, ao que ele riu, afastando-se sem mais palavras.

Ao chegarem à estátua, deram uma volta completa para a apreciarem melhor. Representava uma criatura enorme, que lembrou a Alexis um dragão, sem asas. O detalhe era tão perfeito que era possível observar as escamas da pele, os enormes dentes, a bifurcada e comprida língua, as poderosas garras das patas de dedos membranosos. Parecia furiosa e pronta a atacar um qualquer inimigo que viesse pelo oceano.

— Fantástico! — comentou a jovem terrestre. — Parece viva!

— Sim, é verdade. Foi um trabalho muito bem feito. É uma criatura que existiu neste oceano, há muito tempo. Eram gigantescas — explicou Annya.

— Dá para ver — comentou Alexis, enquanto calculava o tamanho. Devia ter perto de dez metros de comprimento e quatro de altura.

— Não, eram maiores ainda. Segundo li, deviam ter o triplo do tamanho desta estátua. De qualquer modo, estão extintas há cerca de duzentos anos. Os corsários, e outros tão gananciosos e maus como eles, deram-lhes caça e lá conseguiram matá-las a todas. Pelo menos, desde essa altura, nunca mais ninguém avistou uma.

— Como se chamavam?

— Marún, ou Dragão das Águas, como eram mais conhecidos. O oceano que vês, o Marúno, deve-lhes o nome. Esta estátua foi erguida há trezentos anos, depois de um grupo de piratas ter tentado invadir e saquear a cidade. Diz-se que, quando a esperança estava praticamente perdida, uma destas criaturas apareceu e destruiu as embarcações dos bandidos. Consta que os piratas e os marúnos sempre se detestaram.

— Este vosso mundo é fascinante. Tirando a tal Adina, seria quase perfeito.

— Longe disso. Mesmo sem ela. Mas e o teu mundo? — Olhou à volta para se certificar que ninguém ouvia. — A Terra. Conta-me mais coisas sobre ela.

Foi a vez de Annya ficar fascinada. Alexis contou-lhe como eram as grandes civilizações da Terra e os problemas que existiam na altura.

— Sabes, há um grupo de soldados em Aurora composto apenas por homens vindos da Terra — revelou a curandeira. — Não se sabe ao certo como vieram cá parar. Alguns deles trouxeram armas, mas apenas eles têm acesso a elas e só as podem usar em último recurso. Poucas pessoas sabem da existência do grupo, mesmo dentro do exército. Eu só

soube por acaso e tive de jurar silêncio. Até te conhecer fiquei sempre na dúvida quanto à veracidade dessa informação.

Alexis não esperava aquela revelação, pelo que a recebeu com um enorme sorriso. Havia mais gente da Terra em Nova.

Uma mudança repentina no clima interrompeu-as. O vento, que soprava

ligeiro para oeste, passou a soprar com enorme fúria para o sentido oposto. Algumas caixas, que estavam amontoadas perto dos barcos, tombaram. Levantou-se poeira, coisas reboavam pelo chão, pessoas corriam a resgatar os seus bens, tentando não serem também arrastadas. Tão inesperadamente como havia começado, o vendaval terminou e o vento voltou a soprar ligeiro para oeste. As duas raparigas olharam para o cais, à procura de Fred e de uma possível explicação. Encontraram ambas rapidamente. O aprendiz elementar estava a apertar a mão a um homem de cara branca como a cal, fruto do enorme susto que apanhara.

— Meninas, parece que já temos barco — declarou Fred ao aproximar-se.

— Sim, e não deste nada nas vistas. Qual era a tua ideia? — atacou Anya.

— Ninguém percebeu, está bem? Só o homem, que é o capitão do *Carregador*. Disse-lhe que, se nos levasse, o ajudava a chegar a Salite antes do previsto. Ele riu-se e perguntou-me como é que eu iria fazer isso. Limitei-me a mostrar-lhe como. Exigi silêncio sobre o acordo e ele sabe que só tem a ganhar com isso.

— Espero que não nos tenhas metido em sarilhos.

— Quanto a vocês não sei, mas eu estou estafada — interrompeu Alexis, antes que eles comessem outra vez a discutir. — Que tal procurarmos um sítio para descansarmos? E, já agora, para comermos qualquer coisa.

— Concordo, ruiva. Também estou cheio de fome. Venham, conheço o sítio ideal. Pode ser que tenhamos sorte e esteja disponível. Depois de jantarmos, posso mostrar-vos a cidade. Se as donzelas quiserem, claro está.

A ideia agradou às raparigas. Porém, após a refeição, o cansaço derrotou-os e a cama foi o destino ambicionado.

O primeiro dia da caçada estava a terminar. Um pouco mais a leste ficava Solin. Debaixo da árvore em que se encontrava, à beira do

# ELEMENTAR DA ÁGUA

A pequena caravana seguia em direcção a norte, através da vasta planície. Mais uma hora e chegariam à ponte que atravessava o rio Sento. Minutos depois estariam em Gremorin, o almejado destino. O céu estava bastante nublado e ameaçava recomeçar a chover. As seis carroças prosseguiam tão rápido quanto o terreno enlameado permitia. Na terceira, um rapazinho olhava para o céu, absorto em pensamentos de criança.

— Pai, ainda falta muito? — perguntou ao homem que estava a seu lado, a conduzir os dois cavalos que puxavam o veículo.

— Não — respondeu este. — Estamos quase lá.

O rapaz sorriu e o homem retribuiu pondo o braço à sua volta e apertando-o contra si.

Subitamente, a carroça da frente parou, obrigando todas as outras a quedarem-se também.

— O que se passa? — perguntou uma mulher de dentro da coberta da carroça.

— Não sei, querida — respondeu o pai da criança. — Vou lá à frente ver. Toma conta dele.

Entregou as rédeas à mulher, que ocupou o seu lugar, e saltou para o chão, dirigindo-se apressadamente para o primeiro veículo da caravana. Ao ver o pai desaparecer do campo de visão, a criança levantou-se para o seguir.

— Fredisson Vindal! — ralhou a mãe. — Senta-te já aqui. O teu pai não vai demorar.

O rapaz sentou-se, amuado.

— Avalon! — gritou alguém, mais à frente, sobressaltando ambos. — Aqueles desgraçados negaram-me Avalon!

O miúdo olhou para a mãe, assustado. Esta apenas gritou. O ar à volta deles pegou fogo. O chão pareceu explodir. As carroças foram atiradas ao ar e despedaçadas, sendo projectados bocados delas em todas as direcções. Ouviam-se gritos de dor e terror vindos de todo o lado. Quando deu por si, o rapaz estava no chão a olhar para a mãe, caída um pouco mais à frente. Ela levantou a cabeça, olhou para ele e estendeu um braço na sua direcção. Nesse instante, um pedaço enorme da carroça caiu em cima dela, esmagando-lhe as costas e as pernas.

— Mãe!!! — gritou Fred, sentando-se na cama.

Sentiu alguém abraçá-lo e agarrou-se a essa pessoa a chorar, encostando a cabeça ao seu peito.

— Mãe... — repetiu, desta vez num murmúrio.

— Não sou a tua mãe. Tenta acalmar-te. Seja lá o que for com que sonhaste, já passou.

Afastou a pessoa que o amparava e encarou-a. Annya fitava-o com ar sério.

— Bem-vindo ao mundo dos vivos. Estavas a dormir há mais de um dia.

— Onde...? — Começava a organizar os pensamentos. A última coisa de que se lembrava era do combate com o caçador.

— Estamos a bordo do Carregador. Convenci o capitão a levar-nos com urgência a Salite. Felizmente, ele é um súbdito fiel da Rainha.

— O que lhe contaste tu?

— Nada demais. Disse-lhe que tínhamos uma mensagem para entregar à Rainha. Depois do que aconteceu, ficou claro para ele que estávamos com pressa e que se passava algo realmente importante.

— Há quanto tempo saímos de Cipra?

— Há um dia e meio. Tratei os teus ferimentos com a minha magia, mas precisas de descansar e de evitar esforços nos próximos dias para que as tuas costelas saiam completamente.

A porta do quarto abriu-se e entrou Alexis, que sorriu ao vê-lo acordado. Fred tentou levantar-se, mas soltou um gemido devido às dores que sentiu no corpo todo. Resolveu ficar sentado, encostado às costas da cama.

— Acho que vou precisar de uma bengala nos próximos tempos — gracejou.

— Tens sempre o teu bastão — lembrou a terrestre, apontando para o canto do quarto onde este se encontrava. — Eu trouxe-o.

— Obrigado. Pelo menos não o perdi no primeiro combate...

— Vou até lá fora apanhar ar — declarou a curandeira, espreguiçando-se e saindo.

— Ela esteve o tempo quase todo ao pé de ti — disse Alexis momentos depois.

— A sério? — perguntou Fred, sorrindo.

— Sim. Disse qualquer coisa como ser o dever dela enquanto curandeira, mas, aqui entre nós, acho que ficou impressionada com o que fizeste — comentou, piscando-lhe o olho.

— Pois... — respondeu o aprendiz elementar, apoiando a cabeça na cabeceira da cama. — Vocês também se arriscaram demasiado. Eu tinha-vos dito para fugirem.

— Para quê? Ele apanhava-nos em três tempos. Além disso não te podíamos abandonar. És muito importante para mim.

— Eu? Então e o Larn?

— Bem, sim. Pode-se dizer que ele também.

— Deu para ver.

— Pelo menos beija bem... — picou Alexis, ao ver que Fred estava com ciúmes.

— Bah!

Alexis desatou a rir e Fred corou. Annya entrou nesse momento com um frasco contendo um líquido amarelado. A terrestre disse que ia dormir e despediu-se, saindo.

— É de noite? Bolas... agora estou com as horas todas trocadas.

— Pois, mas depois de beberes isto convém que fiques deitado. Não te preocupes, é doce — acrescentou ao ver a careta que ele fez.

Tomou o remédio e voltou a deitar-se.

— Até amanhã — despediu-se Annya.

— Já? Podias ficar aqui ao pé de mim a dar-me mimos. Estou doente, sabes? — retorquiu ele, fazendo beicinho.

Annya mordeu o lábio inferior, irritada, e saiu batendo a porta.

— Bolas! Não tem mesmo sentido de humor...

Apesar das velas brancas, a bandeira negra denunciava quem eram os ocupantes daquela embarcação perdida no Oceano Marúno. Quase toda a tripulação dormia, pelo que a única luz provinha da cabina do capitão.

— Com esta história toda da guerra entre a Luana e a Adina as coisas estão a ficar cada vez mais difíceis para nós — comentou a figura alta e esguia.

— E eu preciso que venha um simples imediato dizer-me isso? — interrompeu o seu rotundo companheiro, dono de uma antiga cicatriz na bochecha esquerda. — Eu sou o capitão desta casca com velas, porra! Sei perfeitamente o que se passa, a situação não é nova.

— Tenha calma. Só queria dizer que...

— Calma? Ainda tu não mamavas e já eu era marujo. Já saqueava neste mar. Os capachos da Rainha nunca foram um grande problema para nós. Agora é que estão todos acirrados com a merda da invasão.

— Bem que a tal Adina nos podia emprestar um dos seus caçadores. Dizem que só um deles...

— Mas és capaz de não dizer disparates? Com mil demónios, que uma dessas criaturas te arranque a garganta à dentada se voltas a dizer isso.

— Então porquê?

— Porque se dissermos muitas vezes o nome dessa raça, aparece um deles. E nós já temos problemas que cheguem.

— Não me diga que é supersticioso — brincou o imediato.

O estrondo enorme que veio do convés salvou-o de mais uma reprimenda recheada de impropérios.

— O que raio foi aquilo? — indagou o capitão.

— Se calhar foi o tal caçador — insistiu o outro homem, exibindo a falta de um incisivo ao sorrir abertamente.

O capitão lançou-lhe um olhar gélido e o imediato perdeu o ar de troça, levantando os braços para pedir desculpa. A porta da cabine foi aberta e entrou um marujo de camisa desapertada, com a roupa e o peito tingidos de sangue.

— Capitão! Capitão! No convés. Matou o Lorac!

— Às armas! — gritou alguém do lado de fora da cabina.

Capitão e imediato desembainharam os sabres e saíram. Do porão saíram também os restantes marujos, de armas na mão, prontos a entrar em combate. Perto do mastro principal, mais ou menos a meio da embarcação, estava uma figura com cerca de dois metros de altura.

— Devia matar-te por isto, meu burgesso — disse o capitão ao imediato, verdadeiramente irritado.

— A mim? Qu'é que eu fiz?

— Falaste nele — respondeu, apontando com o sabre para o caçador.

Este tinha uma enorme cicatriz no peito, resultado óbvio de um ferimento recente. Ao seu lado estava o corpo de um dos piratas, o tal Lorac, com a garganta aberta e a espada curta ainda na mão. Os maru-

jos, a maior parte dos quais sem saber com o que é que estavam a lidar, aguardavam a ordem para atacar. Os que se iam apercebendo da magnitude da ameaça começavam a recuar, aterrorizados.

— Fiquem onde estão, todos vocês! — ordenou o capitão com firmeza. — O meu nome é Toriv O’Dole e sou o capitão deste barco. Quem és e o que queres de nós?

— Chamo-me Gar — respondeu numa voz rouca o caçador. — Estou ao serviço de Adina e tenho uma proposta para vos fazer.

— Duvido que nos interesse, criatura — respondeu em desafio, tentando não fraquejar. — No entanto, nunca gostei de dizer que não a um possível negócio sem saber do que se trata.

— Capitão! Vai negociar com um demónio? — segredou o imediato.

— Cala-te, Mangs, meu idiota — respondeu-lhe O’Dole no mesmo tom. — Diz lá o que tens a propor... Gara, não é?

— Gar. E é simples. Se fizerem o que vos digo, voltam a ver a luz do dia.

— *Sir Francis!* — chamou Larn. — Posso?

O cavaleiro, no topo da muralha, observava o horizonte. Tinham conseguido alcançar o Forte Mauntal, uma enorme fortificação localizada entre as duas regiões montanhosas a norte de Águilar e que ocupava todo o caminho na sua largura, controlando as passagens naquela região. Quem quisesse evitar o forte teria de seguir por mar, patrulado pela Marinha de Aurora, a leste, ou contornar as montanhas por um caminho muito mais a oeste.

Haviam lá chegado no dia em que Francis matara o caçador. O seguinte, passaram-no lá também, tratando dos feridos e cremando os corpos dos que haviam perecido no incidente. Era costume enterrar os mortos em Aurora, mas o forte não tinha as condições para tal.

Francis, compenetrado como estava nos seus pensamentos, não se apercebeu imediatamente da presença de Larn, mas fez-lhe sinal para que se aproximasse assim que o viu.

— Senhor... queria perguntar-lhe se... bem, se ainda vamos ficar muito tempo aqui? A população está um pouco inquieta e assustada.

— Entendo. E tu, como filho do falecido governador, és agora confrontado com os seus receios — comentou Francis, oferecendo-lhe um sorriso encorajador. — Não te preocupes, a partir deste ponto nada devemos ter a recear. Podes dizer-lhes isso. — Fez uma pausa e olhou

directamente nos olhos de Larn. — Já me encontrava neste forte quando recebi o vosso pedido de ajuda. Aguardava ordens para avançar para Águilar, mas assim que soube do ataque resolvi avançar de imediato, pois era óbvio que já sabiam o que se passava. E isso é algo que me intriga, como o souberam.

O cavaleiro voltou a desviar o olhar para além da muralha.

— Senhor... Há algo mais que o preocupa, certo?

— Há... — confessou, soltando um suspiro. — Apesar de não haver mais perigo para nós, há ainda um perigo muito grande para os outros.

— Os outros? Quer dizer Alexis e Fred?

Francis anuiu, sem nunca desviar o olhar do terreno a norte do forte.

— Tanaka disse que enviou um caçador no encalço deles. Tentei contactar o Fredisson, mas nem ele nem as raparigas estão acessíveis a um contacto mental.

— E o que quer isso dizer? — inquiriu Larn, alarmado.

— Pode querer dizer muita coisa. Sim, pode significar que o pior aconteceu, mas pode ser apenas Adina ou algum dos seus a bloquear-me o acesso. Temos de ter confiança neles. O Fred é um elementar muito mais poderoso do que aparenta e a Annya é perita em magia preventiva e curativa, uma curandeira em ascensão.

Ficaram os dois em silêncio durante uns minutos. Subitamente, Francis afastou-se da muralha e fitou Larn.

— Prepara a população. Partimos com o surgir de Selénia. — Perante a expressão de incompreensão da parte de Larn, resolveu explicar melhor: — Estava à espera apenas disto para podermos partir.

— De quê, senhor?

— Disto — respondeu, apontando para norte.

Ao longe viam-se centenas de pontos brilhantes a avançarem. Larn arregalou os olhos ao compreender que eram tochas e lanternas que iluminavam o caminho de um grande exército.

Empoleirada na amurada da embarcação, Alexis observava uns curiosos animais que acompanhavam o barco. Pareciam golfinhos em forma e tamanho e, tal como eles, avançavam na água a grande velocidade, dando saltos prodigiosos. O tom de pele era branco, salpicado de manchas pretas e azul-escuras. A grande diferença estava no facto de estes animais terem guelras e não um espiráculo no topo da cabeça.

— São lindos, não são? — perguntou uma voz feminina atrás dela.

Era Jacine, a única mulher da tripulação. Era alta, de pele morena e cara salpicada de sardas, que em conjunto com o cabelo preto e os olhos verdes lhe dava um ar exótico. Com pouco mais de trinta anos, andava naquela vida desde os quinze, tendo-se tornado uma excelente marinheira. Sendo um dos membros mais importantes da tripulação, segurava as “rédeas” quando o capitão não estava presente.

— Como se chamam? — perguntou Alexis.

— Daras.

— São espectaculares. Lembram-me os gol... finhos — comentou, lembrando-se tarde demais que era provável que não existissem golfinhos em Nova.

— Gol’finhos? Nunca ouvi falar, mas se se parecem com os daras são belos sem dúvida alguma.

— Os daras são mamíferos?

— São, porquê? Os gol’finhos não são?

— São — respondeu a terrestre, rindo. Aquele mundo era mesmo estranho. Nunca antes tinha ouvido falar de mamíferos com guelras.

Uma pancada no convés fê-las voltarem-se. Fred acabava de sair das camaratas e caminhava apoiado no bastão. Annya, que estava no topo da cabina junto ao homem do leme, desceu as escadas até ao convés a correr e aproximou-se dele.

— O que pensas que estás a fazer? — perguntou ela, visivelmente irritada.

— Vim dar uma volta, porquê? Estava farto de estar enfiado numa cama a falar sozinho ou com as paredes. Precisava de apanhar ar.

— Devias era estar deitado! Já te disse que precisas de dar tempo ao teu corpo para acabar de sarar as costelas partidas.

— Eu sei, mas acordei uma coisa com o capitão e não gosto de faltar aos meus compromissos.

Afastou-a com uma mão e aproximou-se do mastro principal. Ergueu o bastão no ar com as duas mãos e em seguida apontou com este para a frente, invocando o seu poder para controlar o vento. No entanto, ao fazer o último gesto, uma dor aguda no peito fê-lo largar a arma e cair de joelhos no chão, dobrado sobre si mesmo. Annya soltou um rugido de frustração e aproximou-se dele, furiosa.

— Eu avisei-te, estúpido! — gritou, dando-lhe um pontapé no traseiro, fazendo com que ele se curvasse ainda mais.

A custo, Fred apoiou-se no bastão e levantou-se. Annya pediu a um marinheiro que o levasse novamente para a cama. Enquanto estes se afastavam, Alexis aproximou-se da curandeira.

- Não precisavas de ter sido tão bruta com ele.  
— Eu sei — respondeu Annya, com um suspiro. — Mas a atitude dele irrita-me.  
— Ele tem-se esforçado imenso para que as coisas corram bem...  
— Sim, eu sei! — rematou Annya, afastando-se um pouco contrariada.

Alexis não pôde conter um sorriso. Desde o confronto em Cipra que a opinião de Annya em relação a Fred tinha mudado. A teimosia de ambos era o que dificultava a aproximação.

- Enfim, é uma questão de tempo até que se dêem bem. Espero — comentou consigo própria enquanto voltava ao seu posto de observação de daras.

— *Lady Adina*, está um homem à entrada do palácio que deseja vê-la. Afirma ter informações importantes. Tentámos prendê-lo, mas foi de todo impossível. Provou ser um mago com bastante poder. No entanto, não forçou a entrada e...

Adina, que se mantinha sentada no seu trono, nas sombras, ergueu uma mão em sinal de pedido de silêncio. Apesar de não passar de um vulto na penumbra, a sua silhueta era perfeitamente perceptível. O guarda ajoelhado à sua frente calou-se imediatamente. Após uns segundos, durante os quais não se ouviu qualquer som na sala, ela fez sinal para que mandassem entrar o estranho.

- Mas, Senhora, não sabemos sequer da parte de quem vem.  
— Limita-te a fazer o que te mando — ordenou ela. — Sei quem ele é e sei que não representa qualquer ameaça para mim.

O guarda levantou-se e saiu. Voltou pouco depois acompanhado pelo dito mago. Este envergava uma túnica escura e o rosto estava oculto pelo capuz. Antes que o guarda pudesse anunciar o estranho, Adina fez sinal para que todos os presentes se retirassem. Assim que ficaram sozinhos, o homem deu um passo em frente e falou.

- *Lady Adina*, há muito que o grupo que represento tem observado as vossas acções.  
— Eu sei. Estou ciente da existência da Magika.

O homem puxou o capuz para trás, expondo os cabelos negros como piche e o rosto. Estava claramente surpreendido.

- Pensaram mesmo que me podiam espiar sem que eu desse conta? Acho até triste que o façam e, mesmo assim, me subestimem.

— Perdão, Senhora, não era essa a nossa intenção...

— Silêncio! — exigiu, obrigando o mago a encolher-se. — Vieste até mim para me propor algo. Antes mesmo de colocares um pé nesta sala já a minha mente tinha exposto o objectivo desta visita.

— Se me permite, não creio que o tenha feito. Os meus conhecimentos são bastante vastos e a minha mente suficientemente poderosa para me proteger de...

Não acabou a frase. Uma dor alucinante percorreu-lhe o cérebro e, quando deu por si, estava de joelhos com as mãos apoiadas no chão. Dos seus olhos caíam lágrimas em abundância. Levantou-se, passou a manga da túnica no rosto e endireitou-se.

— Não, não permito insolências — asseverou Adina. — A tua mente pode ser poderosa, mas não ouses medir forças comigo novamente. Não te matei porque estou interessada em ouvir a proposta que a Magika me quer fazer.

A raiva percorreu o mago. Ela era bastante mais poderosa. Mas o pior tinha sido a humilhação que sentira. Era também claro que ela sabia o que iria propor, mas tinha de engolir em seco e falar. A confiança que sentira ao entrar tinha desaparecido e, pela primeira vez, chegara mesmo a temer pela vida.

— Como deve saber então, a Magika não nasceu em Nova.

— Sim, vocês vieram da Terra. Aliás, a vossa base de operações é lá. Vêm e vão quando vos apetece. Os vossos conhecimentos são realmente vastos, admito. Mas, mesmo assim, falta-vos poder.

— Exacto... — hesitou. — Era isso que vínhamos propor. Podemos oferecer-vos armas que ajudarão na conquista de Nova. Armas que os vossos inimigos não possuem e contra as quais não estão preparados. Em troca...

— Em troca querem que faça o mesmo. Que vos forneça armas que a Terra não possui, armas contra as quais os vossos inimigos não estão preparados. — A sua voz denotava a satisfação que aquela conversa lhe proporcionava.

Quando entrara na sala, tentara usar magia para observar o rosto da Necromante. Depois da demonstração de força desta achara melhor não continuar a fazê-lo. Com todo o seu poder, nunca pensara que Adina o pudesse enxovalhar daquela forma. Ele era poderoso, mas ela ultrapassava-o grandemente.

— Vejo que não lhe consigo esconder nada...

— Não, não consegues. Muito bem, mostrem-me que armas são essas e talvez cheguemos a um acordo. Estás dispensado.

O mago fez uma vénia, deu dois passos para trás e voltou-se para abandonar a sala.

— Mais uma coisa... — O tom da voz da Necromante gelou-lhe o sangue. — Espero que não me façam perder o meu tempo.

Sem se voltar, assentiu e saiu.

— Vela à vista!

O grito ecoou por todo o barco e num instante vários olhos percorriam o horizonte à procura do barco avistado.

— Todos vocês! Voltem ao trabalho! — ordenou o Capitão Jaile, enquanto puxava do seu óculo.

— A sul! — indicou Jacine. — Já o avistei. É um barco da Marinha de Aurora.

— Menos mal. Humm... Vem na nossa direcção.

— Vêm no nosso encaço? — perguntou Annya, que assistira a tudo. — É possível que os tenham avisado e que venham em nosso socorro.

— Se assim é, podemos parar e esperar por eles. Devem demorar à volta de meio-dia a alcançar-nos, talvez menos.

Annya sorriu e preparava-se para agradecer ao capitão quando foi interrompida por uma pancada seca do bastão de Fred no soalho do convés.

— Capitão, se não se importar, eu preferia que continuássemos no nosso rumo. Não há razão para esperarmos.

— Fredisson! Eu...

— Não há discussão possível, Annya — cortou o aprendiz elementar. — O Francis não iria revelar a nossa posição. Se eles nos seguirem e pedirem que paremos, muito bem. Até lá, o mais sensato é seguirmos.

— Mas eles não nos podiam ajudar? — inquiriu Alexis, surpreendendo todos ao chegar sem que a vissem.

— Err... bem, sim — respondeu Fred.

— Então? — perguntou Annya. — Era o que eu dizia, portanto. O melhor é...

— O barco deles é mais rápido que o nosso — atalhou Jacine.

— Sim — confirmou o capitão. — Alçam-nos rapidamente. Se vierem no nosso encaço, iremos esperar por eles. Até lá... concordo que talvez seja melhor seguirmos caminho. Eles até podem mudar o rumo e, se assim for, teremos esperado para nada.

Fred deitou a língua de fora a Annya. Esta virou-lhe a cara e resmungou qualquer coisa acerca de “infantilidades”, enquanto se afastava. Jacine e Jaile regressaram também aos seus afazeres, deixando Alexis e Fred sozinhos.

— Tenho algo para te mostrar — revelou a terrestre.

— A sério? Aqui? Olha que eu sou tímido e aqui no meio de tanta gente eu...

— Deixa-te disso! Vê.

Alexis ergueu o punho à frente da cara e fechou os olhos. Passados alguns segundos abriu-os, mostrando a Fred o tom vermelho das suas íris.

— O que...? O que estás a fazer?

Ela não respondeu. Em vez disso abriu a mão, mostrando-lhe uma pequena chama na palma, o que atraiu os olhares da tripulação. Subitamente, a chama desapareceu e os olhos readquiriram o tom normal.

— É estranho, não é? Há uns dias pensava que a magia só existia na imaginação das pessoas e agora olha! Desde que entrámos no barco que tenho treinado isto.

— Não é estranho... é espantoso... seres capaz de fazer isso sem ensinamentos.

— Tu ensinaste-me.

— Não, não te ensinei isso, nem tão pouco as bases para isso. Estás a fazer magia por ti própria, a aprender sozinha.

— E isso é mau?

— Se queres mesmo que te diga... não sei — murmurou Fred. Alexis ficou a olhar para ele sem perceber. — Sim, suponho que seja bom. Mas continuas a fazer magia sem controlo. Reparei que, quando fazes a que te ensinei, os teus olhos não mudam de cor. Acho que a mudança de cor é um sinal de falta de controlo.

Olhou para Alexis, que por sua vez observava o chão com um ar visivelmente desanimado.

— Desculpa, ruiva. Tu estás de parabéns. É que surpreendeste-me de tal maneira que fiquei sem saber o que dizer.

Ela sorriu.

— O que posso fazer para obter maior controlo?

— Primeiro conta-me como conseguiste fazer a chama aparecer.

— Bem... como não sabia em que palavras me devia concentrar, limitei-me a fazer o mesmo que fiz em Águilar quando electrocutei os espectros. Pensei em algo que queria fazer e concentrei-me. Devo dizer que foi mais fácil do que estava à espera...

## DESENTENDIDOS

O resto da manhã foi dedicado ao tratamento dos feridos e ao funeral dos que caíram em combate. Durante a batalha, felizmente, o Carregador não sofrera grandes danos, pelo que as reparações necessárias puderam ser feitas durante o resto da viagem. Após o término da batalha, Thelma permaneceu a bordo, dispensando os serviços dos guerreiros que a tinham acompanhado, que voltaram imediatamente para as profundezas de onde tinham vindo. Os três companheiros aproximaram-se da sereia.

— Como sabias que precisávamos de ajuda? — perguntou Fred.

— *Sir Francis* tentou contactar-vos, mas não conseguiu — explicou. A voz era calma e melodiosa. Era fácil entender o porquê do mito destas criaturas encantarem os marinheiros com a voz. — A Necromante deve ter-lhe bloqueado o acesso mental a vocês. Ele resolveu então avisar Aurora do que se passava e, de lá, avisaram-me a mim. Foi bastante fácil descobrir-vos, visto que toda a gente sabia em que barco seguiam e qual a rota deste.

— Vocês já se conheciam? — perguntou Annya.

— Sim — responderam os elementares em simultâneo.

— Já o conheço há muito tempo. E fico desiludida ao verificar que continua com as mesmas... qualidades — acrescentou a sereia.

— Como assim? — interrogou Fred. — De que é que estás a falar?

— Irresponsabilidade. Imprudência.

— Estás a esquecer-te de perversão, estupidez... — ajuntou Annya.

— Já chega, está bem? Não me bastava uma a chatear...

Thelma observou Alexis. A expressão da sereia permanecia sempre a mesma, calma.

- *Lady* Alexandra?  
— Sim, mas sem *Lady* — respondeu ela, timidamente.  
— Irei acompanhar-vos até Aurora, para garantir a sua segurança. Alexis olhou para Annya e Fred, que estavam de boca aberta.  
— O... Obrigada... Mas... Eles têm-me protegido e...  
— E deixaram que um caçador quase a apanhasse por duas vezes.  
— Ah, não. Agora a culpa é nossa? — protestou Fred.  
— Sim, nós não tivemos culpa — defendeu-se também Annya.  
— Não sabíamos que ele vinha atrás de nós e depois pensávamos que tinha morrido em Cipra e...

Fred e Annya olharam um para o outro. A curandeira resmungou e virou a cara ao aprendiz elementar.

— Não interessa — interrompeu Alexis. — Mais um no grupo não vai fazer mal, não é? Além disso, mesmo vocês os dois juntos tiveram dificuldade em derrotar o caçador, certo?

Thelma ficou impassível. Annya quebrou o silêncio desconfortável que se instalou.

— Fred, vem comigo. Tenho de verificar se o teu combate com o caçador não reabriu algum dos ferimentos internos.

— Não te preocupes, estou bem — respondeu ele, mas ficou subitamente estático. — Aaah... sim, claro, acho que é melhor não arriscar. Vamos lá.

Alexis ficou a vê-los afastarem-se e depois voltou-se para Thelma. Reparou que ela tinha membranas entre os dedos das mãos, mas que enquanto as mantivesse fechadas estas não ficavam visíveis. Podia perfeitamente passar por humana.

- Há alguma coisa que me quer dizer? — perguntou a sereia.  
— Não... Quer dizer... Sim. É que na Terra as sereias e... sereios?  
— Tritões.  
— Isso. Não passam de mitos. E, bem, as descrições que temos de vocês são um pouco... diferentes.

— Todos os mitos têm algo de verdadeiro. Talvez haja tritões na Terra. Como é que somos descritos?

— Bem, têm cauda como os peixes... para começar. E há quem diga que têm guelras.

Thelma levou as mãos à cabeça e apanhou o cabelo.

— Veja atrás das orelhas. Temos efectivamente guelras. Mas somos anfíbios e, como tal, fora de água respiramos como qualquer criatura terrestre. A cauda tem fácil explicação. Para nos deslocarmos mais rápido dentro de água, por vezes recorremos a magia e substituímos

as nossas pernas por uma cauda. Mas geralmente assume um aspecto mais parecido com as caudas dos daras. Já os deve ter visto a acompanhar o barco. Foi através deles que vos descobri.

— Sim, já os vi. Posso satisfazer mais uma curiosidade? O nome. Thelma não é um nome... humano?

— É. O meu verdadeiro nome é Thaela-ma, mas os humanos parecem ter dificuldade em pronunciar-lo, pelo que me deram este nome que dizem ser parecido.

Ficaram as duas novamente caladas. Parecia que se Alexis não dissesse nada a elementar também não iria falar.

— Amigo poderoso o seu... Destruir um barco daquela maneira...

— Se fosse possível, gostaria de não falar disso.

— Peço desculpa. Não era minha intenção intrometer-me...

— Eu acredito que não. Se não se importa, vou mergulhar e escoltar o barco por debaixo de água, já que nos próximos dias não vou poder regressar ao oceano.

Dito isto, dirigiu-se à amurada e mergulhou.

— Personagem estranha, esta Thelma — reflectiu a terrestre para consigo própria.

— Querias dizer-me alguma coisa? — perguntou Fred.

— Bem, sim. É sobre a Alexis.

— É algo relacionado com o poder dela?

— Sim, é. Ela usou magia mais do que uma vez durante a batalha com os piratas. É um pouco assustador a velocidade com que ela evolui.

— É, pois. E eu que o diga. Mas acho que nada temos a recear da parte dela.

— Pois, mas sabes o que dizem dos avatares. O poder deles...

— Pode levá-los à loucura. Pode mesmo, é verdade. Eu já vi um avatar louco e até hoje ainda tenho pesadelos com ele, como pudeste verificar. — Levantou uma mão para silenciar Annya, que abriu a boca para falar. — Não quero falar disso. Conta-me antes o que ela fez.

— Bem, primeiro criou uma chama na mão dela.

— Sim, ela já me tinha mostrado isso. E que mais?

— Isso foi quando estávamos lá em baixo. Usou essa magia para distrair um pirata. Já no convés, cuspiu fogo e queimou outros três que nos atacaram. Sim, podes arregalar bem os olhos porque fez estas duas magias sem alterar a cor dos olhos.

— Ou seja, ela já começa a dominar a magia — concluiu Fred, pensativo.

— Exacto. Não é que não confie nela, mas não sei o que é pior. Ou, pelo menos, o que me deixa mais insegura. O facto de ela ainda não dominar totalmente o poder que possui, ou o facto de ela o estar a dominar tão rápido.

— Compreendo-te. Tanto poder em tão pouco tempo... pode realmente seduzi-la — ponderou, só então reparando que Annya olhava por cima do seu ombro.

Virou-se e ficou a olhar para Alexis, que estava mesmo atrás.

— Estavas aí?! — A terrestre olhava-o com um misto de tristeza e desilusão. — O que... o que é que tu ouviste?

— O suficiente! — respondeu ela. Virou costas e dirigiu-se para o porão, parando antes de descer as escadas. — Sabem? Era incapaz de fazer algo que vos magoasse. Desilude-me que pensem outra coisa de mim.

— Boa... — disse Annya, enquanto Alexis desaparecia do seu campo de visão.

Salite era, em muita coisa, parecida com Cipra: uma cidade costeira onde abundava o comércio de artigos marítimos, edifícios típicos decorados com temas relativos ao mar e diferentes espécies a percorrerem as várias ruas. Também aqui as ruas eram patrulhadas por forças de segurança, desta vez feita por humanos e não minotauros. Salite situava-se mais para o interior de Aurora e estava, ao contrário de Cipra, totalmente sob o controlo do reino, o que garantia maior segurança a Alexis e aos seus companheiros.

Thelma juntara-se a eles pouco antes de atracarem. Mal puseram os pés em terra, os quatro decidiram descansar antes de prosseguirem a viagem. Despediram-se de Jaile e Jacine e dirigiram-se para uma estalagem que Fred conhecia. O capitão estava contente com o facto de a recompensa que iria receber pela captura de alguns dos piratas — entre os quais estavam o próprio capitão Toriv e o imediato Mangs — ainda lhe proporcionar lucro, depois de pagar as despesas da reparação do barco e de permanência no porto.

— A cidade é menos movimentada que Cipra — observou Annya.

— Isso deve-se ao facto da influência de Aurora ser maior aqui. — respondeu Fred. — Há muita gente que não está interessada em ser abordada pelos soldados — acrescentou.

— Mas é assim tão frequente isso acontecer?

— Bem, nas fronteiras sim. Como parte do exército, pensei que soubesses isso melhor que eu.

— Eu... esta foi a minha primeira missão de campo — respondeu a curandeira, corando levemente.

— Ah!

— Há quanto tempo dura a guerra? — perguntou Alexis, falando pela primeira vez desde que os apanhara a falar dela no barco.

— A guerra propriamente dita começou na altura em que Adina matou a Feiticeira Suprema de Aurora, Mariya, há vinte e poucos anos — respondeu Fred.

— Isso foi a guerra com Aurora. Ela já andava a guerrear com outros reinos há alguns anos.

— Aqui estamos — declarou Fred.

A estalagem era perfeitamente comum, com a sua pequena recepção e dois andares cheios de quartos.

— Vão ficar em quantos quartos? Temos quartos para uma, duas ou quatro pessoas. Os de uma pessoa são sete pégasos, os de duas são doze e os de quatro são vinte — informou o estalajadeiro. — Não aceitamos três pessoas num quarto de duas — acrescentou ao observar melhor o grupo.

— Um de quatro — disse Fred.

— E um de uma — acrescentou Anya de imediato. — Sem hipótese para discussão.

O estalajadeiro sorriu ao receber o dinheiro dos quartos e informou-os que o bar estava aberto todo o dia, caso quisessem comer ou beber alguma coisa. Os companheiros dirigiram-se então aos aposentos, não reparando no franzir de sobrolho do homem ao vislumbrar o bastão embrulhado em tecido que Fred trazia às costas. Os quartos ficavam um pouco afastados um do outro: o de Fred ficava no rés-do-chão e o das raparigas no segundo andar, ambos perto das escadas.

Depois de arrumarem os pertences, jantaram uma refeição ligeira no bar e, logo em seguida, foram descansar.

— Têm a certeza que não querem companhia durante a noite? — perguntou Fred antes de entrarem nos quartos. Anya foi a única que deu mostras de o ter ouvido, pois lançou-lhe um olhar irritado.

Anya acordou com alguém a abaná-la. Voltou-se e viu Thelma a fazer-lhe sinal para que se mantivesse em silêncio. Do corredor vinham vozes exaltadas.

— Já vos disse que não sou quem procuram! Estão a confundir-me com alguém — vociferou Fred.

— Calado! Tu aí, disseste que havia mais?

— Sim, três raparigas. Estão num quarto lá em cima.

Annya apercebeu-se do que se tratava. Por alguma razão, o estalajadeiro havia chamado alguém por causa deles. Ouviu passos a dirigirem-se para o quarto delas.

— Acorde a *Lady* Alexandra. Eu vou ganhar algum tempo — disse Thelma, saindo imediatamente do quarto.

Sem perder tempo, Annya fez o que a elementar tinha pedido.

— O que se passa? — perguntou Alexis com uma voz ensonada. A curandeira meteu-a ao corrente da situação.

— Fica aqui. Aconteça o que acontecer, não saias do quarto. Eu já volto.

Dito isto, saiu também, deixando Alexis sozinha. A rapariga aproximou-se da porta e ficou à escuta.

— Ainda não consegui entender o que os senhores desejam — ouviu Thelma dizer.

— Sabemos que se encontra na cidade um grupo que procuramos. Estamos a interrogar toda a gente que suspeitamos que os conheçam.

— E suspeitam de nós? — perguntou Annya.

— Até ver, sim.

— Como? Isto é um ultraje. Eu...

— Acompanhem-nos sem resistência, se não querem problemas.

— O estalajadeiro disse-nos que eram três — disse uma nova voz.

— Vai lá ver ao quarto — disse o primeiro desconhecido. — Eu fico com estas.

— *Estas?!—* enfatizou a curandeira, bastante irritada. — Pelo menos tenham algum respeito! E não há mais ninguém conosco. Se me permitirem, irei ao quarto buscar algo que prova a nossa inocência.

— Nem pensar. Tu, vai lá ao quarto buscar a outra. E de vocês as duas não quero ouvir mais nada.

Alexis, que entretanto se vestira, deu um passo atrás, afastando-se da porta. Annya tinha dito que não saísse do quarto, mas provavelmente não contara com aquilo. Olhou para a janela. Poderia fugir por ali e depois tentar salvar os companheiros. Sobressaltou-se com o som de alguém a bater à porta.

— Está aí alguém? Se estiver, é melhor abrir.

Sem fazer barulho, caminhou até à janela ao lado da cama e destrancou-a. Abriu-a lentamente e espreitou para o exterior. Não havia

ninguém naquela rua. Mesmo ao lado da janela, havia um cano de escoamento de água do telhado. Subiu devagar para o parapeito, mas no processo derrubou a mesinha de cabeceira em que se apoiara.

— Quem está aí? — gritou o homem ao ouvir o estrondo que a queda provocara. — Abra a porta!

Não havia tempo a perder. Esticou a mão em direcção ao cano, mas este estava mais longe do que parecera. Um novo estrondo fê-la espreitar para dentro do quarto. O homem havia derrubado a porta e entrara no quarto, continuando a gritar-lhe que parasse. No escuro não conseguia ver-lhe as feições, mas era óbvio que as intenções não eram as melhores. Virando-se para o lado de fora, saltou e estendeu os braços na direcção do cano, falhando por pouco. Iniciava agora uma queda com a altura de três andares. Instintivamente, invocou os seus poderes e deu por si a cair de pé, chegando ao chão a uma velocidade similar à que teria se tivesse dado um simples salto enquanto caminhava. Olhou para cima e viu o homem a observá-la, estupefacto.

— Pára! Não te mexas — ordenou. De seguida voltou-se para dentro e gritou novamente — Saltou pela janela! Alguém que vá atrás dela, mas com cuidado que ela usa magia.

Sem mais delongas, a jovem terrestre começou a correr seguindo numa direcção ao acaso. Teria de despistá-los primeiro, antes de fazer fosse o que fosse. Ouviu gritos atrás de si e ocorreu-lhe que os poderia enfrentar, mas nesse momento lembrou-se dos piratas aos quais tinha pegado fogo. Continuou a correr. Virou numa esquina e esbarrou numa pessoa, derrubando-a. Não perdeu tempo a ver quem era nem como tinha ficado. Continuou a correr. Voltou noutra esquina e seguiu por uma rua comprida. Os seus perseguidores gritaram algo atrás dela e alguém se pôs à frente numa tentativa de a fazer parar. Sem hesitar, derrubou esse novo obstáculo com um murro e continuou a correr. Estava a ficar sem fôlego, mas não desistiu. Os perseguidores também não. Contornou um prédio e depois outro. Continuou a correr. Começava a faltar-lhe a força nas pernas e o peito parecia arder. Mas continuou a correr. Entrou numa rua pouco iluminada e, após alguns metros, teve de parar. Voltou-se e viu dois homens entrarem na rua, também eles sem fôlego.

— Finalmente... desististe... hein? — disse um deles, enquanto se dirigiam para ela em passo lento.

Não respondeu, mas deixou-se cair de joelhos, arfando. Estava tudo perdido. Olhou novamente para os homens, mas a rua estava tão

escura que pouco via. Lembrou-se dos companheiros. Mal conhecia Thelma, mas Fred e Annya já os considerava como amigos. Recordou-se da conversa que ouvira entre os dois no barco. Como puderam eles pensar aquilo dela? Mas não seria isso normal? Ela própria estava um pouco assustada com o que se passava. Descobria novos poderes a toda a hora. Os passos dos homens a aproximarem-se trouxeram-na de volta à realidade. Sentiu-se irada consigo própria. Eles nunca tinham duvidado dela, estavam apenas preocupados. Fechou os olhos e cerrou os punhos com força. Soltou um grito e levantou-se com enorme rapidez, abrindo os olhos para encarar os surpreendidos adversários. A presa tornara-se no predador. Abriu as mãos e lançou duas bolas de fogo, de um vermelho tão intenso quanto a cor actual dos seus olhos. Um dos homens foi atingido no peito e projectado alguns metros pelo ar, mas o outro protegeu-se com um escudo de energia como ela já havia feito antes.

— Raio de luz! — gritou ele, soltando um raio de luz branca das mãos na direcção dela.

Alexis baixou-se a fim de o evitar e esmurrou o chão. Imediatamente, toda a rua começou a tremer e uma fenda pouco profunda abriu-se na calçada a partir dela até ao homem, que a evitou saltando para trás. Ainda ele não tinha tocado com os pés no chão e já estava a ser atingido por um pedaço enorme de gelo em cheio na cabeça. Alexis ficou a vê-lo cair, inconsciente. Respirou fundo. Fora o primeiro combate em que o oponente recorrera a magia.

Voltou-se e viu o seu reflexo numa janela rachada pelo tremor de terra que invocara. Aproximou-se e verificou que os olhos tinham uma tonalidade azul clara. Ouviu mais vozes e olhou em redor à procura de uma maneira de escapar.

— Por aqui — chamou alguém.

Uma mão fazia-lhe sinal através de uma porta entreaberta. Sem pensar mais, entrou e fechou-a, deixando-se ficar encostada a ela, à escuta.

— Deusa! — exclamou alguém lá fora. — Ela derrotou-os sozinha!

— E vê como é que deixaram a rua! — comentou outro.

— Esqueçam isso. Tu aí, reanima-os. Os restantes sigam-me. Ela não pode estar longe — ordenou um terceiro.

A jovem terrestre não conseguiu perceber quantos homens eram, mas sentiu-se grata pelo facto de se ter conseguido esconder. Não se sentia capaz de continuar a combater.

— O que esperas? Não tarda muito eles vão perceber que não fugiste e vão voltar para trás.

## BANDIDOS

Os companheiros levantaram-se bem cedo. Com os mantimentos comprados na véspera, não tiveram de perder mais tempo e saíram da cidade pouco depois de tomar um bom pequeno-almoço. Em forma de pedido de desculpas, o estalajadeiro não lhes cobrou as refeições, nem o dia extra que permaneceram na estalagem. Fred caracterizou o acto como “uma indemnização mais do que justa”.

— Não há uma maneira mais rápida de fazer a viagem? — perguntou Alexis ao fim de umas horas. — Desconheço a distância, mas pelo que o Fred disse ainda devemos ter alguns dias de caminho.

— Bom, o dinheiro que sobrou não dava para comprar cavalos para todos — desculpou-se o aprendiz elementar. — Agora também temos de contar com mais uma boca para alimentar.

— Também não adiantava muito — disse a terrestre rapidamente, vendo o olhar ameaçador de Thelma. — Não sei montar.

— Podíamos ter comprado pelo menos um para carregar as coisas — lamentou Annya.

— Não podemos usar magia? — indagou Alexis. — Tinhas dito que depois de Salite poderíamos usar os teus poderes para nos deslocarmos mais rápido.

— Pois disse — confirmou Fred. — Mas depois disso já aconteceram muitas coisas. Quanto menos dermos nas vistas, melhor. Seguindo por terra, sem o auxílio da magia, é mais difícil encontrarem-nos.

— Concordo — disse Thelma.

— Ena!

— Depois do que se passou em Salite — prosseguiu Thelma, ignorando a provocação de Fred — se alguém nos estiver a seguir, irá facilmente arranjar informações. Quando descansarmos, é melhor que fique sempre um de nós de vigia.

— Não te preocupes — disse-lhe Annya, ao ver o ar desanimado de Alexis. — Estamos apenas a ser cautelosos. Além disso, se acontecer algo, nós estamos cá para te proteger.

O caminho que seguiam era agora ladeado à esquerda por uma enorme floresta. Fred explicou que aquela floresta iria acompanhá-los quase até Aurora e que era o lar de uma das principais comunidades de elfos. Era lá que se localizava Arteila, a mais importante cidade élfica daquele continente.

— É muito raro um humano ter permissão para lá entrar — comentou Fred.

— É muito raro qualquer um que não seja elfo, ter permissão para lá entrar — corrigiu Annya.

— Sim, são uma comunidade muito isolada. Mas tanto quanto sei, desde que a guerra com Adina começou, têm sido um pouco mais tolerantes — rematou o aprendiz elementar.

— Algum de vocês já lá foi? — perguntou Alexis.

— Não — responderam os três.

— Eu provavelmente já a sobrevoei, mas está bem escondida debaixo das árvores — acrescentou Fred.

A viagem continuou sem problemas durante os três dias seguintes. Por várias vezes, cruzaram-se com outras pessoas pelo caminho, na sua maioria humanos, mas que pouca ou nenhuma importância lhes deram. Apesar de longa, aquela viagem era muitas vezes feita a pé, pelo que não era invulgar ver um grupo como o deles. Eles próprios viram, no segundo dia, um grupo de cinco pessoas ir a pé em direcção a Salite. Durante a noite saíam da estrada e acampavam na floresta, onde um deles, à excepção de Alexis, ficava sempre de vigia.

— Tudo bem que vocês estão cá para me proteger, mas eu também quero fazer a minha parte — argumentou a jovem terrestre.

— Até que era capaz de concordar, mas a questão é que tu desconheces a região — apontou Fred.

— E viveste sempre num ambiente protegido — lembrou Annya.

Alexis acabou por se resignar e aproveitar as horas de sono para recuperar forças.

A meio da tarde do quarto dia, chegaram a um ponto onde a estrada seguia subitamente para norte, alterando-lhes o rumo que até então havia sido sempre em direcção a noroeste, e Fred pediu que parassem por um instante.

— O que se passa? — perguntou Annya.

— Ocorreu-me uma grande ideia...

— Modesto — ironizou Thelma.

— ... e queria perguntar-vos se concordavam. Em vez de continuarmos na estrada, podíamos atravessar a floresta. Ouçam até ao fim — acrescentou ao ver Thelma preparar-se para objectar. — A estrada segue agora para norte e mais à frente vira para oeste, direcção que mantém até chegar a um ponto onde retoma a que temos seguido até agora. Se formos por dentro da floresta poupamos quase dois dias de viagem.

— Também é mais perigoso — lembrou-lhe Annya.

— Logo, isso é impensável — concluiu Thelma.

— Eu concordo contigo, Fred — disse Alexis. — Tenho a certeza de que vocês os três me conseguem proteger. Além disso, eu também me sei defender.

— Vá lá, meninas, também não é assim tão perigoso! — argumentou Fred.

— Não estou tão certa de que seja capaz de se defender assim tão bem — opinou Thelma a Alexis.

— Eu estou — respondeu a terrestre, convicta.

— Acalmem-se todos — interrompeu Annya. — O Fred tem razão, a floresta não é assim tão perigosa. E ela já deu provas de se conseguir defender, Thelma. Além disso, quanto mais depressa chegarmos a Aurora, melhor. Se isto nos poupa tempo significativo, então é capaz de não ser má ideia.

— Seja — cedeu Thelma ao constatar que estava em minoria.

Caminhar pela floresta era bastante mais difícil do que pela estrada. As copas das árvores estavam tão juntas que filtravam praticamente toda a luz, já fraca com aproximação da noite.

— Estranho — disse subitamente Annya.

— O quê? — perguntou Fred.

— Era de esperar que a vegetação rasteira fosse mais densa.

— Está mais densa do que quando entrámos.

— Sim, mas não nos está a dificultar o avanço. Não é preciso desbravar caminho, aliás, poucas foram as árvores que tivemos de contornar.

— De facto — ponderou Thelma — temos conseguido seguir a direito. Viver num oceano deu-me um bom sentido de orientação — acrescentou à laia de explicação.

— Provavelmente, muitas pessoas usam este caminho — sugeriu Alexis.

— Duvido. À excepção dos elfos, muito pouca gente iria andar à vontade aqui — explicou Fred. — Porque dizes isso?

— Normalmente a vegetação não cresce nos sítios por onde as pessoas passam. Acho que é senso comum.

— Ela tem razão. Se observarem de perto conseguem ver que a vegetação foi pisada — disse Annya. Tinha criado uma esfera de luz branca e aproximara-a do chão.

— O que estás a fazer? — perguntou Fred, alarmado. — Apaga a luz! Queres indicar a todos os animais onde estamos?

— Não, mas como é que queres ver? A luz de Ásis não entra aqui. Por muito directo que o caminho seja, se formos às cegas nunca mais nos despachamos.

— Sim, tens razão. Mas baixa a intensidade da luz.

— E baixem também o tom das vozes — acrescentou Thelma. — Se seguirmos em silêncio, temos menos probabilidade de atrair o perigo e mais de o ouvir a aproximar-se.

— E que sabes tu de...

— Ela tem razão, Fred — interrompeu-o Annya, colocando-lhe uma mão no ombro. — A maior parte das criaturas da floresta caça de noite. Pelo menos foi o que eu ouvi dizer.

Fred resignou-se e, num tom de voz quase tão baixo quanto o de um murmúrio, declarou que o melhor seria seguirem. Apesar de o carreiro lhes facilitar a viagem, tiveram de seguir sempre em fila, com Annya a liderar, seguida de perto por Fred. Atrás dele ia Alexis e a fechar a fila seguia Thelma, sempre atenta à floresta que os envolvia. Apesar de já ter percorrido várias florestas de algas e outras plantas subaquáticas, não deixava de se sentir impressionada com a imponência daquele imenso espaço verde. Caminharam por mais duas horas até chegarem a uma grande clareira.

— Quem diria que um local destes, tão espaçoso, existia na floresta — admirou-se Annya.

A clareira formava um círculo quase perfeito com cerca de trinta metros de diâmetro, sendo delimitada por gigantescas árvores e plantas enormes. O chão, excepção feita a um ou outro tufo de ervas, era praticamente todo coberto de areia e pedrinhas. Dirigiram-se para o centro. Após uma rápida pesquisa, encontraram mais três caminhos: um seguia na mesma direcção que vinham a seguir até agora, noroeste; outro para nordeste, provavelmente em direcção ao ponto onde a estrada virava para oeste, segundo a opinião de Thelma; o último dirigia-se para o interior da floresta.

— Proponho que fiquemos por aqui hoje — disse Fred.

— Não sei. Parece-me muito exposto — discordou a elementar da Água.

— Se concordasses é que eu me admirava...

Annya suspirou. Ambos tinham razão. O lugar era muito exposto, mas precisavam de descansar.

— Concordo com ele. Vamos descansar aqui — apoiou a curandeira. — Fazemos vigia por turnos de duas horas.

— E descansamos seis — acrescentou Fred. — Vamos ter tempo para repousar como deve de ser quando chegarmos a Aurora. Quero voltar à estrada a meio do dia de amanhã.

— Quem é que te elegeu líder? Acho que tu tens má noção das prio...

— Olha, Thelma, estou a ficar farto de ti. Se tu te juntaste a nós para me dares cabo da cabeça, pega nesse teu lindo traseiro e volta para o oceano de onde vieste. Foram as circunstâncias que me fizeram líder deste grupo. E, se queres saber, não tinha havido desentendimentos até *tu* te juntares. Irra!

— Infelizmente para ti, as ordens que recebi foram bastante claras: não vos abandonar até chegarmos a Aurora e proteger *Lady Alexandra* até lá. O meu sentido de responsabilidade é demasiado grande para faltar às minhas obrigações.

— Ótimo! Ainda bem que pensas assim — respondeu Fred, estendendo as suas cobertas no chão. — Começas tu o primeiro turno.

Alexis não pôde deixar de sorrir ao ver que Thelma, apanhada pelas suas próprias palavras, iria fazer exactamente o que Fred queria. Afinal, ele tinha mesmo qualidades de líder.

— Durmam bem — disse o elementar, fechando os olhos.

— Hum... Thelma... se te sentires ensonada ou isso, acorda-me. É preferível isso a adormeceres — disse Annya.

— Eu não preciso que me ensines regras de vigia.

— Sabes, se calhar ele até tem razão em refilar contigo — respondeu a curandeira, soltando um suspiro e afastando-se. — Boa noite.

Annya deitou-se ao lado de Alexis e estava quase a adormecer quando Fred a acordou novamente ao falar.

— Thelma, acorda-me daqui a duas horas, eu faço o próximo turno. Annya, Alexis, se tiverem frio...

— Boa noite! — responderam as duas em unísono.

Alexis voltou-se de barriga para cima e abriu os olhos. Sentia-se ensonada, mas por alguma razão acordara. A manta que a cobria não tapava completamente o frio, mas a isso já estava habituada. Na floresta reinava o maior silêncio, quebrado pelo som casual de algum insecto ou de um pequeno animal a caminhar nas proximidades. Tinha acampado no meio da clareira de modo a que, se algo se aproximasse, tivessem tempo de o ver. Estava muito escuro, mas ao fim de uns segundos já os olhos estavam habituados à fraca luminosidade. Sentou-se e viu Fred, que estava a fazer a vigia. Levantou-se e foi-se sentar ao pé dele.

— Espetei quatro estacas de ferro no chão — informou, apontando para o sítio onde estava cada uma delas. — Formam um quadrado. Caso seja preciso, posso fazer circular energia eléctrica entre elas de modo a criar um escudo à nossa volta. As estacas ajudam-me a manter o controlo do escudo e a atenção no combate em simultâneo.

— Hum — respondeu ela.

— Pois, eu sei que não acordaste para me ouvir a falar disso.

— Não sei porque acordei.

— Volta a deitar-te e tenta dormir. Aproveita o pouco tempo que temos para descansar.

— Para dizer a verdade, passou-me a vontade de dormir. É estranho. Sinto-me cada vez mais desperta e um pouco ansiosa.

— Deve ser deste ambiente. A floresta consegue ser assustadora, principalmente à noite.

— É capaz. De qualquer modo, passou-me mesmo a vontade de dormir. Vai-te tu deitar, eu faço a vigia.

— Nem penses. Já falámos disso antes. Podes ficar aqui ao pé de mim, se quiseres, mas sozinha não.

Alexis baixou o olhar para o chão. Sabia que Fred confiava nela e também sabia que ele tinha razão. Contudo, começava a sentir-se um fardo e completamente inútil.

Algo lhe despertou a atenção.

— Ouviste alguma coisa? — perguntou.

— Não, nem por isso. — Ficaram os dois em silêncio por uns segundos, mas nada se ouviu. — Bom, deve ter sido a tua imaginação.

— Ainda te sentes assustado?

— Eu?! Com quê?

— Bem, aquilo dos meus poderes...

— Ainda estás a pensar nisso? Não é propriamente estar assustado. Estou, aliás, estamos apenas preocupados contigo.

— Tudo bem — respondeu. — Desculpa ter-me comportado como uma criança.

— Não tens de...

Fitou-a nos olhos. Estavam muito próximos um do outro. Alexis sentiu o coração acelerar e a ansiedade que a percorria intensificou-se. A expressão na cara de Fred era muito séria. Não conseguia compreender o que se estava a passar. Lentamente, ele foi-se aproximando dela.

— O que...? — ia perguntar Alexis.

— Shhh.

Fred aproximou-se ainda mais e desviou-se ligeiramente para o lado, fazendo com que as suas bochechas roçassem uma na outra ao levar os lábios à orelha da jovem. Abriu a boca e sussurrou-lhe numa voz suave:

— Estamos a ser observados. Não sei quantos são, mas são muitos. Conseguiram-nos cercar sem que eu desse por isso.

— Já vi um deles, atrás de ti — respondeu ela no mesmo tom.

— Neste momento está um arqueiro à nossa frente e...

Não acabou a frase. Saltou para trás e empurrou Alexis na direcção oposta. Uma flecha caiu no local onde eles haviam estado sentados uma fracção de segundo antes.

— Acordem! — gritou Fred. — Estamos sob ataque!

Thelma pôs-se de pé nesse mesmo instante, como se já estivesse à espera daquilo, e Anya deitou a mão ao sabre, que tinha deixado no chão junto a si. Na altura em que a curandeira se levantou, duas flechas quase atingiam Thelma, sendo reflectidas de imediato pelo seu escudo de água sem sequer a ferirem. A elemental da Água ergueu o punho na direcção de onde uma das setas tinha vindo e disparou um jacto de água, que atingiu o surpreso arqueiro. Anya continuava desorientada pelo sono.

— Eles sabem magia! — alertou alguém.

— À carga! — bradou outra voz.

Ouviu-se um grito vindo de toda a floresta circundante e de todos os lados surgiram figuras que avançaram na direcção dos quatro companheiros. Outra chuva de flechas abateu-se sobre eles e Alexis viu, horrorizada, uma delas vir na sua direcção. Tudo parecia decorrer a uma velocidade absurdamente lenta. Via a morte aproximar-se e nada conseguia fazer, nem sequer desviar-se. Foi incapaz tão-pouco de fechar os olhos. No último instante, o ar à sua volta rodopiou e o trajecto da flecha foi alterado, indo enterrar-se inofensivamente no chão. Procurou Fred, que tinha um braço estendido na sua direcção, mas que já não olhava para ela.

— Juntem-se! — gritou ele, estendendo o outro braço em direcção à cama.

Como que respondendo a um chamamento, o bastão de Fred cruzou o ar entre os seus pertences e ele próprio. O aprendiz elementar do Ar apanhou a arma, rodopiou-a acima da cabeça e desceu-a a tempo de deflectir um golpe de espada do primeiro dos atacantes. Sem dar tempo ao surpreendido adversário, contra-atacou com um murro directo na barriga que, associado a fortíssima rajada de vento, projectou o adversário de volta à mata.

— Quem são eles? — perguntou Annya a ninguém em particular. Acordara de repente e os sentidos haviam ficado entorpecidos, mas estava agora completamente desperta e alerta.

— Bandidos, creio — respondeu Thelma, aproximando-se dela sempre voltada para o inimigo. Nos poucos segundos decorridos desde que se levantara, já derrubara os dois arqueiros que a tinham atacado e outros dois bandidos que haviam avançado na sua direcção.

— Vêm de todos os lados — gritou Fred. — São demasiados, não os consigo repelir.

— Fred, as estacas — lembrou Alexis.

O aprendiz elementar aguardou mais uns segundos, deixando mesmo que alguns dos bandidos passassem o perímetro do escudo antes de o activar. Com apenas um pensamento, Fred uniu com linhas de energia eléctrica as quatro estacas metálicas e, nesse mesmo momento, ouviram-se gritos de dor. Nenhum dos companheiros perdeu tempo a contar quantos assaltantes haviam caído, pois urgia lutar contra os restantes. Fred levantou o bastão para se defender de dois bandidos que o tentaram decepar com golpes descendentes de espada. Com toda a força, empurrou-os de novo para trás, guinando o bastão para a direita e acertando em cheio na parte lateral da cabeça de um deles, deixando-o inconsciente. Baixou-se a tempo de evitar um segundo golpe do outro adversário e, com uma velocidade sobre-humana, aplicou-lhe um pontapé lateral na barriga desprotegida.

Annya viu-se frente a frente com um rapaz que devia ter cerca de quinze anos, menos seis do que ela. Este atacava-a a uma velocidade surpreendente, com um enorme punhal em cada mão. A curandeira conseguiu defender-se dos primeiros golpes, mas foi apenas uma questão de insistência até ele lhe acertar. Por sorte, apenas conseguira feri-la levemente no ombro. Ao ouvir o seu grito de dor, o rapaz lançou-lhe um sorriso malicioso, sorriso esse que se desvaneceu quando Thelma,

que já havia derrotado outros três salteadores, o empurrou para fora do perímetro de protecção com um jacto de água.

— Obrigada — agradeceu Annya.

— Agradece depois — respondeu a elementar da Água na altura em que mais uma dezena de bandidos saiu da floresta e correu em direcção a eles.

Fred esperou mais uma vez que eles se aproximassem. Os primeiros bandidos que chegaram ao escudo tentaram saltar por cima das linhas eléctricas. Sem se esforçar muito, o aprendiz elementar ergueu uma muralha de energia à volta do grupo usando como base o próprio escudo. Os infelizes que foram apanhados pela protecção mágica, caíram imediatamente no chão, fulminados, tal era a intensidade da corrente que lhes havia percorrido os corpos. Os restantes interromperam o ataque, surpresos.

— Estou a ver que vai ser mais difícil do que esperava — disse um dos agressores, sobrepondo a voz à dos restantes. — Mas vejo uma falha na defesa deles. Aguentem-nos mais um pouco.

Os quatro companheiros perceberam de imediato que quem falava era o líder dos bandidos. Aproveitando aquela pausa, Fred dispensou um olhar à jovem terrestre. Ao contrário do que esperava, Alexis observava atentamente os movimentos dos bandidos com um ar determinado, embora percebesse o quanto ela estava assustada.

*Pelo martelo de Thor! Até eu tenho medo do desfecho disto*, pensou ele. Alexis percebeu que ele a estava a observar e sorriu-lhe.

— Não te preocupes comigo. Preocupa-te antes com eles. Depois do que já enfrentámos, vai ser mais fácil derrotá-los do que roubar um doce a uma criança.

— Concentrem-se na batalha — disse Thelma em tom autoritário, cruzando os braços à frente do corpo e tocando com as pontas dos dedos nos ombros. Fred deitou-lhe a língua de fora sem que ela visse, fazendo com que Alexis e Annya sorrissem, embora nervosamente.

Num gesto violento, a elementar descruzou os braços e desenhou um círculo horizontal à sua volta. Um anel de água formou-se no ar entre eles e a muralha eléctrica, aumentando de tamanho até passar por esta e atingir boa parte dos bandidos. O pouco tempo que a água permaneceu no ar foi o suficiente para conduzir a electricidade e electrocutar muitos dos inimigos. Mas não houve tempo para festejar. Do entrançado de ramos de árvores que encimavam o cenário, saltou alguém que aterrou no meio do grupo. Os quatro companheiros afastaram-se em direcções opostas a fim de evitar aquele ataque surpresa. Alexis,

demasiado lenta ou simplesmente mais azarada, foi atingida pela arma do adversário, um bastão, em cheio na barriga. Fred viu-se obrigado a desactivar a muralha para que Alexis não tivesse o mesmo fim que os bandidos. Thelma correu imediatamente na direcção da terrestre, libertando Fred para a batalha com o intruso.

— Vocês são um bocado irritantes, sabiam? — disse o malfeitor.

— E que moral tens tu para dizer isso? — perguntou Annya. — Atacam-nos assim durante a noite, de surpresa. O que é que vos fizemos?

— Nada, mas isto é o que os bandidos fazem normalmente, miúda. Quem vos mandou seguir este trilho. Deviam ter feito como toda a gente e seguido pela estrada. Não que isso nos impedisse de vos atacar.

— Annya, ajuda a Thelma — pediu Fred à curandeira enquanto o bandido se ria da própria piada. — Aqueles bandidos foram apenas atordoados, a maior parte já está a recuperar. Eu trato deste.

Annya assentiu e afastou-se. O salteador seguiu-a com o olhar, mas teve de devolver a atenção a Fred, que lhe apontou o bastão em gesto de desafio. O aprendiz elementar colocou-se então em posição de combate. Flectiu ligeiramente as pernas, mantendo o bastão seguro apenas com a mão direita atrás das costas, e esticou o outro braço na direcção do oponente, com a palma voltada para este. O bandido imitou-o.

— Usamos a mesma arma, pelo que vejo — comentou o malfeitor. — Engraçado, embora eu seja uns anos mais velho, até que podias passar por mim.

— Quase. Mas ao contrário de ti, não sou um criminoso. — Subitamente, compreendeu a implicação daquilo que o bandido dissera. — És tu! É a ti que procuram em Salite!

— Bravo! Vejo que a minha tomada de posse da Cidade dos Ladrões não passou despercebida — respondeu o bandido.

— Tu mandavas naquela espelunca? — gracejou provocadoramente. O outro pareceu surpreendido. — Sim, mandavas. A Cidade já era. Nós tratámos disso.

— O quê?! — uivou o malfeitor. — Vais morrer só por insinuares tal coisa.

O bandido investiu contra Fred com enorme fúria e este avançou também, com o bastão sempre atrás das costas, mas agora seguro com as duas mãos. Esperaria que o oponente desferisse o primeiro golpe para se defender e contra-atacar. Este veio finalmente: segurando a arma com as duas mãos, o bandido ergueu-a acima da cabeça e desferiu um golpe poderoso, mas executado com muita pouca perícia, tal era a

sua raiva. Fred fez o bastão deslizar em redor do corpo, empurrando facilmente a arma do adversário para a esquerda, desequilibrando-o. Aproveitando isto, girou sobre o seu lado direito e colocou-se atrás do bandido atacando-lhe as costas com a extremidade da sua arma. Este, percebendo o erro que cometera, atirou-se para o chão a fim de evitar o golpe, rebolando de seguida e colocando-se de pé, novamente de frente para Fred.

— Ah! És bastante bom a manejar o bastão, mas estou a ficar um pouco farto. Vamos acabar com isto — desafiou o bandido.

— Sabes que mais? Concordo — respondeu Fred. Agarrou numa das extremidades do bastão e apontou a outra ao adversário. Um raio partiu da ponta da arma do aprendiz elementar e atingiu-o no peito. O grito de dor sobrepôs-se ao crepitar da energia eléctrica do raio. Quando atingiu o chão, já se encontrava sem vida. Fred inspirou, chegando-lhe às narinas o cheiro a queimado. Nos seus ouvidos, o som do grito do adversário era gradualmente substituído pelos dos outros bandidos. Sentiu algo cruzar o ar na sua direcção e saltou para o lado a tempo de evitar que três flechas o atingissem.

Alexis, Annya e Thelma encostaram-se formando um triângulo. Os bandidos aproximavam-se por todos os lados. Dos que haviam sido atingidos pelo anel de água, só quatro ou cinco dos que estavam mais perto é que não se tinham levantado. Outros, demasiado atordoados para se levantarem sozinhos, arrastaram-se para longe. Os restantes, ainda trémulos, agarraram nas armas para se juntarem aos últimos comparsas, que abandonavam agora a floresta e não haviam sido atingidos pelo ataque conjunto dos elementares.

— Isto está mau... — comentou Annya. — Quantos é que eles são?!

— Punhos de fogo — murmurou Alexis. De imediato, as mãos ficaram envoltas em chamas que, no entanto, não a queimavam. — Pode ser que isto os intimide — explicou às companheiras no mesmo tom com que invocara as chamas.

— Não me parece que esteja a resultar — observou Thelma. — Conteí cerca de trinta de pé.

Três bandidos atacaram-nas, um a cada uma, numa tentativa de as testar. Saiu-lhes caro, pois nenhuma estava disposta a render-se sem luta. Um atacou Thelma com um salto, brandindo um enorme machado acima da cabeça. Foi presenteado com um espigão de gelo que lhe tres-

# UM ALIADO INESPERADO

— Por isso é que o *golem* me parecia estranho. Não era um *golem* normal. Funcionava mais como uma armadura para ela — disse Thelma, apontando para a elfo fêmea à sua frente.

No meio dos pedregulhos que haviam sido o corpo do gigante de pedra, estava uma rapariga elfo. Possuía a beleza comum aos elfos, beleza essa que nem a poeira conseguia ofuscar. Os olhos eram castanhos, tal como os cabelos que lhe caíam até pouco acima dos ombros, e tinha imensas sardas no rosto e orelhas pontudas. A roupa era feita de um tecido verde fino e delicado e ficara um pouco estragada. Ela levantou-se e os quatro companheiros puderam ver a sua estatura. Apenas Alexis não ficou surpreendida.

— Uma criança? Tivemos este problema todo a enfrentar uma criança? — disse Fred, pasmado.

A rapariga ruborizou.

— Uma criança? — repetiu Alexis. — Ela é uma criança?

— A julgar pela estatura, sim — respondeu Thelma. Alexis observou-a. Não lhe pareceu que tivesse mais de um metro e meio.

— Os elfos adultos são mais ou menos desta altura — acrescentou Annya, erguendo a mão a cerca de dois metros.

Alexis voltou a olhar para a rapariga. Esta estava cada vez mais vermelha. Os braços pendiam-lhe ao longo do corpo, com os punhos cerrados. Parecia furiosa.

— Fiquem sabendo que sou adulta — replicou a rapariga, numa voz melodiosa, mas visivelmente irritada. — E preparem-se. Podem

ter destruído a minha couraça de pedra, mas ainda não me derrotaram.

Fred fez um esforço para se levantar, ficando sobre um joelho. Thelma começou a concentrar as suas energias mágicas. Alexis ficou parada, incapaz de acreditar que aquela rapariga era uma grande ameaça.

— Estás a falar a sério? Eras mesmo tu aquele monstro? — perguntou Annya.

— Lá porque sou pequena não quer dizer que não seja poderosa. Não me levam a sério? Tanto pior para vocês!

— Não, espera — pediu Alexis. — Pelo menos deixa-nos falar. Não entendemos porque nos perseguem. Estávamos de passagem na floresta e fomos atacados por bandidos. Como se não bastasse, acabámos por ser atacados por vocês também. O que raio se passa?

— Mentos. Vocês, bandidos, são muito manhosos.

— Espera! — suplicou Annya por sua vez. — Vês estes dois? — perguntou, apontando para Thelma e depois para Fred. — São dois elementares enviados por sua majestade, a Rainha Luana. A nossa missão é escoltar esta rapariga até Aurora. Entrámos na floresta apenas para poupá-los algum tempo de viagem.

— Annya — gritou Fred. — Cala-te!

— Os elementares não recebem ordens de Aurora — argumentou a pequena elfo, desconfiada.

— Sei que os elfos estão de boas relações com Aurora há anos — continuou Annya, ignorando ambos. — Tenho a certeza de que, se algo lhe acontecer, a Rainha não irá gostar. Certamente a relação entre os nossos dois povos irá ficar abalada.

— São tempos perigosos, estes — disse uma voz no meio da vegetação. Um segundo elfo saiu de entre as árvores. Segurava um arco numa mão e com a outra guardava uma flecha na aljava que transportava às costas. Apesar da situação, Alexis não pode deixar de sentir um certo fascínio ao observar o seu belo rosto com olhos cor de mel, emoldurado por longos cabelos castanhos. Envergava uma armadura de couro pintada com vários tons de verde, provavelmente para o camuflar no meio da vegetação. — Não nos podemos dar ao luxo de criar um conflito com os nossos maiores aliados.

A rapariga elfo deixou-se cair imediatamente sobre um joelho e baixou a cabeça em reverência.

— Senhor! Acreditais neles? Penso que se fossem quem dizem, não os teria conseguido derrotar com tanta facilidade.

— Duvidais do meu juízo? — perguntou o elfo com voz autoritária. Apesar de ela manter a cabeça baixa, os companheiros puderam ver que a rapariga voltava a corar.

— Perdoai-me, Senhor. Por vezes, o sangue que corre nas minhas veias tolda-me o pensamento.

— Não arranjeis desculpas descabidas. Sois jovem e falta-vos a sabedoria da experiência.

— Desculpem-me, mas alguém pode dizer-me o que se passa? — perguntou Fred, que estava agora de pé apoiado no bastão.

O elfo voltou-se para ele e observou-o de alto a baixo.

— Fredisson Vindal, presumo. Aprendiz elementar do Ar, pupilo de Oxior, o Deus do Ar. — Voltou-se para Thelma. — Thaela-ma Fagan, elementar da Água, pupila de Run, o Deus da Água. As outras duas não sei quem são, mas sei que uma de vocês é esperada com grande urgência em Aurora. A Rainha pediu-me que tivesse paciência e que mais tarde me revelaria todos os pormenores. Por respeito ao seu pai e pela confiança que nela tenho, acedi. Eu sou Valder, o *Fantasma da Floresta*, mais conhecido entre os humanos como o Rei dos Elfos de Arteila.

Automaticamente, Annya e Thelma imitaram a rapariga elfo, deixando-se cair sobre um joelho e baixando a cabeça. Fred demorou um segundo mais a absorver as palavras do soberano élfico e a imitar as companheiras. Valder franziu o sobrolho ao ver que Alexis não reagia como os restantes.

— Alexis — chamou Fred em voz baixa. A terrestre olhou para ele e corou, baixando-se de seguida.

— Realmente — continuou Valder após uns segundos — custame a acreditar que dois elementares tenham sido derrotados tão facilmente. Ainda por cima dois discípulos dos Deuses. — Dirigiu-se à rapariga elfo. — Mas segundo entendi, a tua armadura foi destruída.

— Senhor, depois de ter derrotado os outros três, a rapariga ruiva usou um artefacto que eu nunca tinha visto. Ele explodiu e, como não estava à espera, fui incapaz de manter a armadura.

— Levantem-se, por favor — pediu o rei. Os companheiros obedeceram. Valder aproximou-se de Alexis, que apesar de alta apenas lhe dava pelo queixo, e olhou-a nos olhos. Pareceu surpreso com o que viu. — Percebo agora o interesse de Luana nesta rapariga. Fredisson, onde a encontraram?

Fred olhou para os outros, sem saber o que fazer. Annya suspirou e Thelma baixou o olhar.

— Na Terra — disse Alexis, para surpresa de todos. — Tem sido uma jornada longa e difícil, cheia de obstáculos. Não estou habituada aos vossos costumes, nem tão pouco a esta coisa da magia e tudo o resto. Eles têm passado por muito para me defender, arriscando a própria vida. Todos estão a dar o máximo de si, logo acho normal que tenham chegado a um ponto em que...

— Basta. Já entendi — interrompeu o elfo. — Contem-me, então, as vossas aventuras.

Sentaram-se num tronco caído. Fred contou tudo o que se passara desde que tinha encontrado Alexis.

— Percebo agora a indignação da jovem — declarou Valder. — Têm ainda muito que aprender, mas o vosso trabalho tem sido meritório.

— Disse que percebia o interesse da Rainha em mim — recordou Alexis. — O que queria dizer com isso? Pela ênfase com que o disse, suponho que não seja apenas pela minha ligação com a magia.

— Perspicaz — disse o rei com um sorriso. — Tudo a seu tempo. A Rainha teve as suas razões para não o divulgar. Certamente, tudo será esclarecido quando chegarem a Aurora. Agora sugiro que bebam isto.

Valder retirou de uma pequena bolsa um frasco com um líquido azulado e passou-o a Alexis.

— Apenas um golo para cada um será o suficiente — advertiu o elfo.

Alexis destapou o frasco e cheirou-o. Tinha um aroma suave a anis. Deu um golo. Era doce e escorregava com facilidade pela garganta. Começou logo a sentir um novo vigor.

— Uma poção revitalizante — observou Annya, quando Alexis lhe passou o frasco. — Já fiz uso delas várias vezes. Infelizmente, só trouxe uma comigo e usei-a para ajudar o Fred a recuperar.

Quando todos acabaram de beber o líquido, inclusive a repariga elfo, Valder levantou-se e fez sinal aos outros para que o imitassem.

— Devem continuar a vossa jornada sem mais delongas. Gostaria de vos dispensar alguns dos meus homens, mas precisamos de todos aqui. Contudo, talvez tu os possas ajudar — disse, voltando-se para a repariga elfo. — Já aprendeste muito aqui. Podes ajudá-los na escolta de *Lady* Alexandra até Aurora e depois, se o desejares, regressar à floresta. Pedi que nos trouxessem os vossos pertences. — Com um gesto apontou para as mochilas que tinham aparecido na orla da clareira sem que tivessem reparado. — Desejo-vos um bom resto de viagem.

Dito isto, fez-lhes uma vénia, à qual todos responderam, e regressou à floresta, desaparecendo na vegetação enquanto o olhavam.

— Já entendi o porquê de “Fantasma da Floresta” — comentou Alexis.

— Peço desculpa pelo que aconteceu — disse a rapariga elfo. — Devia ter-vos reconhecido — acrescentou directamente para os elementares.

— Foi apenas um mal entendido — respondeu Fred, incapaz de se manter zangado ante aquele olhar arrependido.

— Que quase nos custou a vida — lembrou Thelma, que não tinha o mesmo problema.

— Pois, mas o que importa é que estamos todos bem — finalizou Annya, temendo que a sereia dissesse algo que aumentasse a tensão.

— O meu nome é Hanna Mika. Também sou uma elementar, com ligação ao poder da Terra.

— Depois do que vi, não estou surpreso — comentou Fred.

— O que Sua Majestade disse é também o meu desejo: juntar-me a vocês na escolta. Sei que a vossa jornada está perto do fim e que provavelmente a minha ajuda não será necessária, mas sempre posso reforçar a segurança de *Lady Alexandra*.

— Alexis. Só Alexis. Dispensar o título.

— Penso que falo em nome de todos quando digo que não temos objecções — disse Fred.

As três raparigas anuíram prontamente.

— Não percamos mais tempo. Vamos — disse Fred.

Dirigiram-se aos seus pertences. Hanna era a única que não possuía nada, mas entre todos havia provisões que chegassem também para ela. Além disso, até saírem da floresta podiam repor alguns mantimentos, graças ao conhecimento da rapariga elfo.

— Mais uma rapariga no grupo. Sou mesmo um tipo com sorte — gabou-se Fred, com um sorriso atrevido estampado na cara.

Demoraram o resto do dia a chegar à orla da floresta, passando a noite ainda no interior. Na manhã seguinte, retomaram a estrada rumo a Aurora. Graças à poção de Valder e a uma boa noite de descanso, todos se encontravam com forças suficientes para prosseguir. Caminharam durante todo o dia, fazendo apenas uma pausa para almoçar. A Floresta de Arteila continuava a acompanhá-los do lado esquerdo, mas aos poucos ia-se distanciando da estrada, que mantinha sempre a mesma direcção.

## O FIM DE UMA JORNADA

Aurora era muito mais do que Alexis estava à espera. As enormes muralhas de pedra branca, intervaladas por torres ainda maiores, estendiam-se até onde a vista alcançava. A chegada do grupo não passou despercebida e apareceu imediatamente uma escolta de soldados para os receber. Como já tinham sido avistados, Hanna resolveu não desfazer a armadura de pedra. Aguardaram simplesmente a chegada das forças de segurança.

— Bem-vindos a Aurora — disse o comandante da pequena escolta. — Estávamos à vossa espera. Hum... o *golem* vai ser um problema.

Fred aproximou-se do homem e apertou-lhe a mão.

— Não se preocupem com ele. Hanna.

O gigante ajoelhou-se e Thelma saltou das suas mãos. Annya e Alexis deslizaram pelos braços e saltaram para o chão. Então, Hanna esconjurou a armadura, enterrando o que restou dela com um pensamento.

— Ah! Um elfo. Deve ser preciso um poder imenso para conseguir fazer aquilo! E vejam, ela é só uma...

Fred aclarou a garganta para distrair o soldado e evitar a cólera da jovem elfo.

— Vamos indo, se puder ser. Estamos em viagem há imensos dias e gostava de terminar a minha missão e descansar como deve de ser — disse Fred, piscando o olho às raparigas.

Seguiram para dentro das muralhas, rodeados pelos soldados. Assim que entraram na cidade, as pessoas correram a vê-los, sussurrando entre elas. Era raro um grupo de viajantes ser escoltado com tanta pompa. Além disso, a gigantesca invocação de Hanna não havia passado despercebida. Alexis observava tudo com enorme curiosidade.

Ao contrário de Águilar, Aurora tinha um ambiente alegre. As ruas pareciam menos sinistras, talvez por serem mais largas e arborizadas. As casas também tinham um ar mais limpo e alegre. Mesmo no centro, erguia-se o grande castelo da capital do reino. Com as paredes brancas e torres muito altas, parecia saído de um conto de fadas. Alexis calculou que, pela dimensão, serviria de abrigo a boa parte da população, se tal fosse necessário. As suas observações foram interrompidas quando reparou que uma velhota apontava na sua direcção, olhando-a fixamente com pasmo.

— Vejam! É Mariya! — gritou ela, desmaiando.

Instalou-se o caos.

— Mariya! — gritavam uns.

— É mesmo ela! — bradavam outros.

As pessoas começavam a tentar aproximar-se, sendo imediatamente afastados pelos soldados. Mas apesar dos esforços destes, a população parecia decidida a avançar. Fred bateu com os punhos um no outro, soltando um sonoro trovão que paralisou todos.

— Por favor, controlem-se — pediu ele. — Ela não é quem vocês pensam. Deixem-nos passar sem arranjam problemas. Obrigado.

— Fred, o que foi isto? — sussurrou Alexis, assustada.

— Algo realmente estranho. Nem eu próprio tinha pensado nisso. Antes de tu nasceres houve uma grande feiticeira em Aurora. O seu nome era Mariya. Ela morreu ainda eu não era nascido. Uma jovem necromante resolveu atacar os terrenos a sul do reino e as tropas enviadas para a deter foram mortas.

— Adina?

— Sim, ela mesmo. Na altura, o seu nome era pouco conhecido. Mas isso mudou rapidamente. Ela deixou fugir um soldado para que ele entregasse uma mensagem: um desafio a Mariya. Confiante nos seus poderes, ela aceitou o desafio e, com a bênção do Rei Siul, partiu com uma escolta. Dizem aqueles que se encontravam nas proximidades que os efeitos do combate puderam ser avistados a grande distância. Ninguém presenciou a morte de Mariya, era impossível estar perto delas, mas de alguma maneira Adina saiu vencedora.

— Certo, e então? O que é que eu tenho em comum com ela?

— A cor dos cabelos, por exemplo. Isso, só por si, já é o suficiente para confundir a mente de muita gente. Principalmente a daqueles que começam a perder a esperança. Sabes, como ninguém a viu morrer, há quem acredite que foi capturada e que ainda está viva.

— Ei! — interrompeu Annya. — Chegámos.

Acompanhados apenas pelo comandante da escolta, percorreram o grande jardim central do castelo. Mesmo no meio havia uma enorme fonte, com um grande pégaso esculpido em prata que olhava para o céu com a pata dianteira direita no ar e as asas abertas. Parecia tão real que Alexis ficou à espera de o ouvir relinchar. Subiram um lanço de escadas e atravessaram duas gigantescas portas de madeira reforçada com metal, que davam para um corredor igualmente grande. Tal como Alexis, também Hanna parecia fascinada. Eram as únicas que nunca lá tinham estado. Existiam guardas posicionados nos dois lados do longo corredor, em intervalos regulares, de frente uns para outros. Usavam armadura completa, incluindo um elmo que lhes ocultava o rosto, e uma enorme espada. Esta estava desembainhada e voltada para baixo à frente, segura com ambas as mãos. Na placa peitoral do arnés brilhava um grande pégaso dourado.

*Aquelas armaduras devem ser extremamente quentes, pensou Alexis, enquanto escutava o eco dos passos do grupo. Pelo menos o corredor é largo e fresco.*

Subiram mais um lanço de escadas e dirigiram-se a outra porta, mas desta vez duas longas lanças barraram-lhes o caminho.

— Frig, Comandante de Segunda Classe, apresenta-se. Trago Freddisson Vindal, que é esperado pela Rainha com grande urgência.

Imediatamente, as lanças voltaram a repousar, erectas, ao lado dos guardiães e a porta abriu-se. Entraram. A sala seguinte estava ricamente decorada, mas nenhum deles prestou atenção a esse pormenor pois à frente deles, sentada num trono, estava a própria Rainha Luana. Era bastante jovem, com pouco mais de vinte anos, e bastante bonita. Os cabelos dourados caíam-lhe por cima dos ombros como cascatas. Sorria-lhes abertamente, com os lábios vermelhos e os brilhantes olhos azuis a sobressaírem na pele alva. Vestia roupa branca com figuras bordadas, impossíveis de decifrar àquela distância, e usava uma modesta coroa prateada na cabeça. Na mão direita segurava um ceptro com um pégaso.

Todos se ajoelharam imediatamente, inclusive Alexis, que se preparara para aquele momento desde que entrara no castelo. Tal como acontecera com Francis, reconheceu a rainha devido ao sonho no autocarro.

— Por favor, deixem-nos sozinhos — ordenou a soberana.

Quando o último guarda abandonou a sala e fechou a porta, a rainha levantou-se e dirigiu-se a eles, arrastando atrás de si um pequeno manto branco.